

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Jéssyca Rita Martinelli

**Justificativas para as escolhas didático-metodológicas como constituintes do
trabalho docente**

Porto Alegre
2. Semestre
2018

Jéssyca Rita Martinelli

**Justificativas para as escolhas didático-metodológicas como constituintes do
trabalho docente**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Sperrhake.

Porto Alegre

2. Semestre

2018

Jéssyca Rita Martinelli

**Justificativas para as escolhas didático-metodológicas como constituintes do
trabalho docente**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 03 de dezembro de 2018.

Profa. Dra. Renata Sperrhake - Orientadora

Profa. Dra. Luciana Piccoli

Profa. Dra. Marília Forgearini Nunes

AGRADECIMENTOS

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.” (O pequeno príncipe, p.72)

Esta singela homenagem não poderia iniciar de outra forma que não agradecendo as duas pessoas mais importantes na minha vida: Meus pais. Mãe e pai, vocês me ensinaram todas as coisas mais importantes que aprendi, principalmente ter caráter e lutar pelos meus sonhos. Se cheguei até aqui, saibam que foi por pura vontade de orgulhar vocês. Tudo sempre foi para vocês dois!

Aos meus familiares que lutaram comigo todo esse tempo e tornaram esses quatro anos mais leves. Minha vózinha amada, Teresinha, de onde estiver, sei que está feliz por mim. Nós conseguimos! Ao meu primo-irmão Eryc, não imagino minha vida sem você. Aos meus tios, Beto e Hugo, obrigada por absolutamente tudo que fizeram por mim nesse tempo. Aos meus afilhados: Vitor, Murilo e Benício, que sorte a minha ter vocês. Aos meus padrinhos, tios, primos e amigos, obrigada por cada momento.

À toda família Rech, vocês têm um lugar no meu coração. Agradeço por todo carinho, auxílio e, principalmente, por todo amor compartilhado durante meu estágio obrigatório. Eu não teria conseguido sem vocês!

Agradeço principalmente às grandes mulheres que passaram pela minha vida durante todos esses anos. Começando pela minha mãe Simone, obrigada por tudo, eu não seria nada sem sua ajuda diária, seus conselhos e teu amor. Minhas avós, me espelho em vocês diariamente, mulheres guerreiras. Minha dinda Taís, obrigada por cada sorriso que me fez dar até hoje; tua alegria e esse teu jeito de ser te tornam especial e essencial em minha vida. Minha madrinha Ana Paula, sempre fomos iguais e cada vez mais parecidas, obrigada por toda tua cumplicidade. Minha prima Natália, sempre estivemos juntas, crescemos unidas e isso nunca irá mudar, tu és minha irmã. Minha tia Simone, tu me ensinaste minha profissão, foi me espelhando em ti que decidi ser professora. Karen, minha amiga, estamos juntas desde os dois anos de idade, obrigada por não me abandonar. As minhas colegas de faculdade: se eu não tivesse vocês durante esses quatro anos não teria conseguido aguentar a pressão de estar em uma faculdade lutando pela educação diariamente. Agradeço principalmente: Camila, Danieli, Greyce, Larissa, Luisa, Pietra, Priscila, Renata, Vitória Knop e Vitória Noer. Vocês estiveram comigo desde o início dessa jornada! Às gurias da comissão de formatura por todo auxílio e compromisso nesse momento mais esperado.

Minhas professoras queridas, vocês me ensinaram tanto. Do ensino fundamental ao ensino superior, tive tanta sorte de ter encontrado pessoas maravilhosas como vocês. Minha orientadora de estágio: Luciana Piccoli, te conhecer fez com que eu percebesse o quão gratificante é se dedicar a essa profissão maravilhosa. Obrigada por todo carinho e suporte em um dos momentos mais delicados dessa jornada. Minha orientadora do TCC: Renata Sperrhake, desde a primeira aula que tive contigo, há quatro anos atrás, tu foste minha inspiração. Agradeço por ter guiado esse trabalho com dedicação e amor. Tu conseguiu tornar leve esse momento difícil. Um agradecimento especial às professoras da Área de Linguagem, Patrícia Camini, Sandra Andrade e Marília Nunes, com vocês aprendi tantas e tantas coisas importantes, principalmente nutrir um amor pela alfabetização.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por ter me acolhido amorosamente durante esses anos. À minha querida FACED, concluo esse curso sabendo do compromisso que tenho com a educação de qualidade. À Escola Estadual Gomes Carneiro, e junto dela, professora Daniela Mendes, obrigada pela recepção, carinho e por todo conhecimento compartilhado. Agradeço também, as pessoas mais importantes da escola, as crianças. Amei passar 14 semanas com todos. Vocês me tornaram professora!

Ao Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho e toda sua equipe, são dois anos e meio fazendo parte de uma escola que preza pelo bem-estar do aluno, sou feliz por fazer parte dessa equipe. Às monitoras queridas que viraram amigas. Às professoras das quais fui monitora: Lisandra e Greicy. Lis, te conhecer só me demonstrou que podemos fazer a diferença na vida das crianças. Teu compromisso e zelo pela alegria dos alunos sempre foi uma peça chave no teu jeito docente. Amei aprender contigo durante um semestre inteiro. Minha amiga Greicy, tudo que aprendi sobre a importância do lúdico na vida das crianças, foi tu que me apresentou. Tu és uma professora maravilhosa e uma amiga melhor ainda. Dedicada, experiente, criativa, amorosa e comprometida, tuas qualidades vão além de tudo. Obrigada por compartilhar tuas habilidades durante dois anos letivos comigo, tu transformou meu pensar docente em algo muito melhor, mostrando que tudo vale a pena pela educação.

Agradeço, acima de tudo, a Deus, que me permitiu ter completado mais uma etapa dessa vida. Com fé, dignidade, humildade e amor, vamos longe!

O estágio foi concluído e com ele nasceu uma nova Jéssyca, a Jéssyca professora. [...] Me emocionei ao perceber o quanto meus alunos haviam crescido e evoluído nesse tempo. [...] Fico contente em olhar pra trás e perceber o quanto eu evolui também, espero que seja só o início de uma longa caminhada como docente. E que essa caminhada seja sempre repleta de mudanças significativas, mudanças para melhor!

Meu eu-docente
Reflexão Semanal,
14 ° semana
Jéssyca Rita Martinelli

RESUMO

Esta monografia caracteriza-se por ser um estudo de caso, do tipo análise documental, sendo o principal documento de análise o Diário de Classe elaborado durante o estágio obrigatório do curso de Pedagogia, em uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental em uma escola pública de Porto Alegre/RS. O objetivo dessa pesquisa é investigar de que maneira as justificativas das escolhas didático-metodológicas para a realização de um trabalho docente aparecem no Diário de Classe produzido durante o estágio. Como referencial teórico, são abordados autores como Miguel Arroyo, Maurice Tardif, Claude Raymond, Laurence Bardin e Luciana Piccoli, Patrícia Camini. A partir do material empírico, foram elaborados três eixos analíticos, cada um focalizando uma justificativa diferente: 1) Organização do trabalho pedagógico; 2) recursos didáticos e 3) estratégias didáticas. Escolhido qualitativamente, o primeiro eixo refere-se a importância da organização do ambiente, do tempo, da turma e dos materiais, por embasar a necessidade do planejamento da organização dos diversos fatores envolvidos na prática pedagógica para uma atividade bem executada. O segundo apresenta a utilidade de recursos didáticos para aulas mais dinâmicas e qualificadas. O terceiro aponta as características positivas de se pensar em estratégias didáticas para a turma. Evidenciou-se, a partir de análises, que o investimento em escrever justificativas nos planejamentos auxilia a promover aulas mais lúdicas, dinâmicas, qualificadas e apropriadas. Além disso, este investimento também colabora para a constituição docente e se configura como parte do trabalho do professor, como será demonstrado nessa pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Planejamento. Constituição docente. Organização. Recursos. Estratégias didáticas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quadro semanal de planejamento	31
Figura 2: Painel de aniversários	39
Figura 3: Mascote Gildo e o caderno de anotações	39
Figura 4: Caderno de anotações com relatos da família	40
Figura 5: Bichos produzidos para o Projeto	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA	12
3 REFERENCIAL TEÓRICO	16
3.1 TRABALHO DOCENTE E A CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR	17
3.2 CURRÍCULO E PLANEJAMENTO NO TRABALHO DOCENTE	19
3.2.1 CURRÍCULO E PLANEJAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS	21
4. ANÁLISES	25
4.1 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO (DO AMBIENTE, DA TURMA, DO TEMPO E DOS MATERIAIS)	25
4.2 A IMPORTÂNCIA DOS RECURSOS DIDÁTICOS	34
4.3 ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

O ato de planejar, saber criar estratégias metodológicas para que as crianças desenvolvam suas potencialidades, tem relação direta com o quanto se conhece da turma e dos alunos. Planejar requer questionar: o que já sabem? O que querem aprender? O que é preciso ser abordado nessa etapa? Quais estratégias devo utilizar? E nesse sentido, as estratégias possuem importância ímpar [...] (VIEIRA, 2017, p.34).

A pergunta “O que os outros esperam de um professor?” é algo que me acompanha diariamente. Quais as representações da docência para as pessoas? Quais os significados de nossa profissão? Stuart Hall é um teórico cultural que trabalha com a temática da *identidade*. O autor (HALL, 2007) aborda o quanto é importante pensarmos em quem somos e quem queremos ser. Baseando-me nisso, escolhi que, através da minha docência, gostaria de fazer a diferença na vida de meus alunos. Com esse pensamento, me permitia observar os discentes com mais questionamentos do que certezas; me perguntava diariamente o que era importante para o avanço de cada um dos alunos. Tardif (2002) explica que a função do professor é oferecer ferramentas que possibilitem um processo de aprendizagem e não apenas de transmissão de conhecimentos. Baseando-me nisso percebi a importância de planejar e questionar meu planejamento. Necessitava saber se aquilo que constava no currículo da escola era algo que meus alunos realmente precisavam e, se fosse preciso, qual seria a melhor maneira de abordar o assunto na prática pedagógica.

Escolhi escrever sobre algo que muito qualificou meu trabalho com as crianças durante meu estágio obrigatório do sétimo semestre do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Analisando meus Diários de Classe¹, percebi que todos aqueles registros guiavam minha prática docente em sala de aula e conduziam meu fazer pedagógico de modo a alcançar os objetivos traçados. Dentre todos os aspectos registrados nos Diários de Classe, um dos que mais auxiliava nesse processo eram as justificativas para as escolhas didático-pedagógicas realizadas por mim.

Organização da prática pedagógica é um termo chave para um professor, pois necessitamos: 1) observar nossos alunos; 2) perceber o que é importante para a criança aprender, ou, o que falta para ela avançar; 3) pensar em estratégias que possibilitem esse avanço; 4) estudar essas estratégias uma a uma e, também; 5) saber ensinar. Tardif (2002) orienta que saber sobre algo não é o suficiente para ensinar um aluno, e que precisamos sim

¹ Na seção metodológica deste trabalho serão explicadas as características do Diário de Classe bem como a forma como ele foi construído ao longo do estágio de docência.

saber como ensinar. E de que forma isso acontece? Estudando muito! Da mesma forma que a criança precisa aprender ler e escrever, nós professores precisamos estudar e, muitas vezes, criar os inúmeros métodos e estratégias para que essa aprendizagem ocorra. E a organização vem do planejar. Como mostrado na citação que abre essa introdução, o questionamento é necessário para que se faça um bom planejamento, e foi dessa forma que percebi o quanto justificar as escolhas realizadas é importante no preparo das aulas.

Para esclarecer esse meu argumento, apresento um exemplo: no currículo da escola em que fiz meu estágio, constava que era importante tratarmos sobre os cinco sentidos para uma turma de primeiro ano do ensino fundamental. A professora, então, coloca no seu planejamento um período de tempo destinado ao assunto ou procura entender o porquê de seus alunos precisarem saber sobre isso logo no primeiro ano? Ou então, você procura saber quais são os conhecimentos prévios da turma sobre isso ou ensina apenas o que acha necessário? Foi a partir de perguntas assim, que eu fazia para mim mesma, que procurei entender cada vez mais sobre a importância de o professor planejar e ter clareza das suas escolhas, justificando-as. Essas justificativas eram importantes tanto para os alunos terem um aproveitamento maior em suas aprendizagens, quanto para eu saber a importância de ensinar aquilo, se eu podia apenas falar em aula ou se teria necessidade de aprofundar mais o assunto em momentos de estudo prévio às aulas. Ter ciência da justificativa para o ensino de um determinado conteúdo é importante para os professores na medida em que isso lhes possibilita: 1) estabelecer as prioridades ao abordar o assunto em sala de aula; 2) fazer escolhas didático-metodológicas com o objetivo de tornar tal assunto acessível a sua turma de alunos; 3) estabelecer os objetivos de aprendizagem a serem alcançados e 4) traçar estratégias avaliativas para acompanhamento dos processos de aprendizagem e de ensino.

Diante de todo investimento realizado – estudo e material empírico produzido através dos Diários de Classe – o objetivo deste trabalho é investigar de que maneira as justificativas das escolhas didático-metodológicas para a realização de um trabalho docente aparecem no Diário de Classe produzido durante o estágio. As questões que guiaram a produção do material empírico foram: qual a necessidade em justificar escolhas didático-metodológicas? Por que explicar essas escolhas em um planejamento de autoria própria? Como essa escrita constitui o trabalho pedagógico e o próprio docente em formação?

2 METODOLOGIA

Pesquisar é um processo de criação e não de mera constatação. A originalidade da pesquisa está na originalidade do olhar. [...]
(COSTA, 2002, p. 152)

O presente trabalho tem como característica uma abordagem qualitativa que foca em aspectos vivenciados durante meu Estágio Obrigatório do Curso de Pedagogia, realizado no primeiro semestre de 2018 em uma escola estadual na cidade de Porto Alegre. O principal documento de análise deste estudo foi meu Diário de Classe. Selecionei-o por ser um documento construído durante o estágio e que é composto por planejamentos, reflexões semanais e produções dos alunos. Os planejamentos são documentos produzidos a cada semana do estágio obrigatório pela professora estagiária e revisados pela professora orientadora. Neles contém um quadro com todas as atividades que serão realizadas semanalmente. Além disso, constam também os planos diários, que explicitam os objetivos a serem alcançados, os conteúdos trabalhados e a descrição de cada estratégia didática planejada e que será executada pela professora e/ou pelas crianças. Nessa descrição as professoras estagiárias devem escrever sobre organização da turma, da sala, como ficarão dispostos os materiais a serem utilizados e as intervenções pedagógicas que serão realizadas durante a aula. Foram nessas descrições que encontrei as justificativas para minhas escolhas didático-metodológicas.

Na ocasião da produção do Diário de Classe, durante o estágio, ele funcionava como organizador da prática pedagógica, porém, no momento de pesquisa e escrita desse TCC, o Diário é ressignificado e passa-se a lançar sobre ele um outro olhar. Godoy (1995) explica que alguns materiais que foram produzidos sem a intenção de serem analisados, podem ter uma nova interpretação, totalmente diferente da verdadeira finalidade para que foram realizados. Dessa forma, é o olhar lançado que transforma o Diário de Classe de uma professora estagiária em material de pesquisa.

Sendo o Diário de Classe o documento central da pesquisa que desenvolvo, cabe salientar que a “pesquisa documental” (GODOY, 1995, p.21) é aquela que se debruça sobre análise de documentos diversos. Segundo Lüdke e André (2017), essa pesquisa empenha-se em revelar aspectos novos de um tema, através de dados qualitativos. As autoras, em busca de serem mais compreendidas sobre o assunto, apoiam-se no autor Caulley (1981), que explica que a análise é simplesmente buscar informações de interesse nos documentos. Sendo assim,

o Diário de Classe se torna uma rica fonte de dados que pode contribuir significativamente para uma pesquisa.

O movimento metodológico realizado buscou analisar cada dia das quatorze semanas de estágio com muito cuidado, através de um olhar de pesquisadora e não mais de professora. Através de um trabalho realizado por Costa (2002), pude entender como me posicionar como uma pesquisadora e compreender a importância desse posicionamento para a justificativa das nossas próprias escolhas. Nesse texto, Costa (2002) elenca doze pontos para se tornar um jovem pesquisador; dentre esses, no terceiro ponto, de onde vem a citação escolhida para ser a abertura desse capítulo, a autora nos apresenta a importância que o *olhar de pesquisador* tem para transformar um objeto qualquer em um objeto de investigação: “Para um objeto ser pesquisado é preciso que uma mente inquiridora [...] problematize algo de forma a constituir-lo em objeto de investigação. O olhar inventa o objeto e possibilita interrogações sobre ele.” (COSTA, 2002, p. 152). Nesse sentido é que busquei adentrar novamente às páginas do meu Diário de Classe, tomando-o não mais como um instrumento do trabalho pedagógico, mas como foco de questionamentos, de investigação.

Com o objetivo de pesquisa e o material a ser analisado já definidos, como estratégia metodológica, realizei uma análise documental do meu Diário de Classe, relendo todos meus planejamentos semanais e dando ênfase a todas as partes em que pudessem conter a escrita de alguma justificativa para minhas escolhas didático-pedagógicas. O Diário analisado foi sendo construído ao longo de todo processo de Estágio, a cada semana era realizado um planejamento, o qual era revisado pela professora orientadora e readaptado, se preciso, da melhor forma para que as atividades ficassem apropriadas para as crianças. Na busca por encontrar material para minha pesquisa, reli todos meus planejamentos e fiz um recorte de cada parte que poderia ser vista como justificativa para as escolhas realizadas nos planejamentos.

Escolhi, como estratégia metodológica de análise de dados, a análise de conteúdo. Bardin (2016) explica que a análise de conteúdo se desenvolve em três fases; ele as aponta como: pré-análise, exploração e tratamento dos dados. A primeira fase, a pré-análise, segundo Zabalza (2004), é uma etapa de organização, propriamente dita. Bardin (2016) nos indica que a primeira atividade dessa etapa é realizar uma leitura flutuante, que, segundo o autor, significa desfrutar de um contato inicial com o material. Logo após, necessitamos escolher os documentos e, diante disso, fiz um primeiro recorte sobre as justificativas que escrevi em meus planejamentos. Esse recorte foi bem amplo, apenas selecionando todas as justificativas

que apareciam em cada plano diário. Após esse recorte inicial, fiz outro mais minucioso, legendando cada parte selecionada com palavras-chaves que sintetizavam a temática ou o foco da justificativa. Os trechos selecionados ficaram assim categorizados: Recursos didáticos, avaliação, objetivos, conteúdo, interesse dos alunos, organização do trabalho pedagógico, contingências, estratégias didáticas e diferenciação do ensino.

Bardin (2016) denomina a próxima etapa como sendo a exploração do material. Nessa fase, através de inúmeros olhares sobre as justificativas escolhidas e da enumeração e classificação (ZABALZA, 2004), e devido aos limites do trabalho, escolhi três categorias para abranger e explorar na minha análise, quais sejam: recursos didáticos, organização do trabalho pedagógico e estratégias didáticas. Duas das justificativas – recursos e estratégias didáticas – foram escolhidas a partir de um critério quantitativo que, de acordo com Bardin (2016), significa que o elemento apareceu com uma certa frequência. O autor denomina esse critério como Regra da Homogeneidade. Pelo exposto, no quadro abaixo explícito a recorrência de cada uma das justificativas:

Categorias de análise e recorrência	
Recursos didáticos	33
Avaliação	12
Objetivos	09
Conteúdo	23
Interesse dos alunos	06
Organização do trabalho pedagógico	19
Contingências	02
Estratégias Didáticas	28
Diferenciação do ensino	07

Retornando para os critérios de escolhas das categorias a serem analisadas, uma delas – organização do trabalho pedagógico – ocorreu qualitativamente, o que, segundo Bardin (2016), denomina-se Regra de Pertinência e depende das características particulares que a escolha possui. No meu caso, escolhi essa categoria por saber o quanto essa organização é essencial para uma atividade ser bem executada dentro da sala de aula. Irei, ao longo do trabalho, evidenciar essas análises para sustentação dos objetivos da pesquisa.

A última etapa, denominada por Bardin (2016) como tratamento dos resultados obtidos e interpretação, será abrangida nos próximos capítulos do trabalho. Mostrarei o quanto as justificativas, nesse caso, as três escolhidas, são importantes para possibilitar um ensino mais acessível para a turma e significativo para a aprendizagens dos alunos. Além disso, espero conseguir argumentar o quanto a escrita do planejamento se constitui como elemento formativo do docente.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Muitos profissionais [...] encontram as virtualidades e incentivos para duvidar e inventar ousadias criativas no próprio campo da docência e do currículo [...] (ARROYO, 2013, p. 39).

Início esse capítulo apontando para algo constituinte da escola: o trabalho docente. Trabalho esse exercido pelo profissional chamado de professor. Porém, não considero como professor, na perspectiva do fazer profissional, qualquer um, e sim aquele que se reinventa a cada aula dada, que prioriza o que o aluno já sabe, o que ele necessita aprender e como pode produzir a sua docência com ousadia e criatividade. Essas ousadias, segundo Arroyo (2013), nada mais são que transformar as aulas em momentos significativos, transmitindo o conhecimento com criatividade, através de recursos, e estar sempre preparado para aulas mais dinâmicas que favoreçam o ensino. O autor comenta que essas tentativas de ousadias criativas devem ser realizadas não somente em projetos das escolas, mas também no dia-a-dia.

Podemos dizer que, dentre os componentes do trabalho docente incluem-se o currículo e o planejamento, e Arroyo (2013) aponta para a importância de conseguir unir os dois. O currículo é a “matéria bruta” do trabalho do docente. É a partir dessa seleção de conteúdo, conhecimentos, metodologias de ensino, etc. que o professor irá exercer a sua função. Já o planejamento é a forma de organização previamente estabelecida pelo docente para conduzir a sua ação pedagógica. Sobre esses dois elementos – currículo e planejamento – incidem, em maior ou menor grau, escolhas realizadas por todos os docentes no exercício do seu trabalho. Tais escolhas podem ser motivadas por razões diversas, tais como uma exigência da escola, do instituição mantenedora pública ou privada, das famílias; podem ser motivadas também por convicções pedagógicas do professor, pela necessidade dos alunos, pela mídia, etc. Porém, faz-se necessário também argumentar em favor dessas escolhas. Nesse sentido é que compreendo as justificativas dos professores ao tomar suas decisões didático-metodológicas: ou seja, é parte do trabalho docente saber o porquê da escolha de um recurso, de um tipo de agrupamento da turma, de uma intervenção diferenciada, etc.

Outro ponto que tratarei nesse capítulo se refere à importância de um planejamento adequado para o trabalho pedagógico. Piccoli e Camini (2012) caracterizam as escolhas pedagógicas como escolhas políticas, pois o professor deve ter todo um envolvimento com o aluno, suas dificuldades e saberes, e compreender o quão importante é optar por um planejamento detalhado. Ainda, informam o quanto é comum vermos em escolas as docentes optarem por uma “pedagogia do quase total improvisado” (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 15).

Essa pedagogia faz com que as escolhas sejam feitas sem uma avaliação prévia, “[...] com pouco ou nenhum encadeamento temático, sem progressividade, sem um controle da professora sobre o quanto ela tem investido no desenvolvimento de cada habilidade [...]” (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 15). Todos esses fatores abordados pelas autoras indicam a suma importância de uma boa justificativa em nossos planejamentos docentes, para que, a partir deles, possamos criar boas possibilidades pedagógicas para nossos discentes.

Para detalhar mais esses dois eixos estruturantes da parte teórica do trabalho, decidi dividir o capítulo em três subcapítulos: 3.1 Trabalho docente e a constituição do professor, 3.2 Currículo e planejamento no trabalho docente e currículo e 3.3 Planejamento na alfabetização de crianças.

3.1 TRABALHO DOCENTE E A CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR

Não podemos deixar de analisar a significação do trabalho docente, pois é o professor quem ocupa-se de construir um planejamento adequado com todas as qualidades e importâncias que já destacamos aqui.

Tardif e Lessard (2014, p.29) abordam que todo profissional se dedica ao seu “objeto de trabalho” que, no caso do docente, é outro ser humano; compreendendo a docência como um trabalho interativo. E essa interação faz com que o outro não seja uma finalidade do trabalho, mas sim, parte de um processo que desafia o docente. Os autores esclarecem que a partir da concepção marxista, na qual foi mostrado que não só o objeto se modifica através do trabalho, mas também há modificação diretamente no trabalhador, conseguimos observar que a presença de outra pessoa provoca “[...] um novo modo de relação do trabalhador com seu objeto: a interação humana.” (TARDIF; LESSARD, 2014 p. 29).

Vale lembrar que, quando falamos sobre interação humana, estamos acordando que o trabalho do professor não é um trabalho que se pode controlar perfeitamente, pois onde há interação, há incertezas. E, com isso, novos acontecimentos surgirão dentro da sala de aula. Abordo esse aspecto pensando nos nossos planejamentos, nos quais tentamos esboçar todas as atividades previstas, porém devemos lembrar que há algo do inesperado pairando sobre todas as aulas: um jogo que leva muito mais tempo do que o esperado, um momento de leitura que mobiliza pouco os alunos, um líquido que vira na mesa, etc. Nesse sentido, os planejamentos devem ser flexíveis de modo a contemplar ajustes e mudanças realizadas no momento em que estão sendo “colocados em prática” pela professora com conjunto com seus alunos.

Além disso, diferentemente de outros trabalhadores, nós professores enfrentamos inúmeras desafios, sejam eles físicos, biológicos, psicológicos, sociais e etc. Sabendo disso, Tardif e Lessard (2016) nos apontam uma questão importante sobre o trabalho flexível, que é a cada dia se aproximar cada vez mais de seus discentes, pois nosso trabalho não se limita apenas às atividades de classe, mas também em cada singularidade encontrada dentro da sala de aula. Fazemos isso, dando voz aos alunos, prestando atenção em cada resistência, modificando a cada dia nossas aulas, expandindo interesses e flexibilizando ações docentes.

Trabalho docente se compreende, de acordo com Tardif e Lessard (2016 p. 51), como experiência, pois a docência é um processo de “intensidade e significação” para um indivíduo. Os autores abordam que, em inúmeros momentos de nossas vidas, ocorrem experiências que nos induzem a algo, sem ter a necessidade de repetição, pois os mesmos acreditam que experiência não é um processo instituído pela recorrência, e sim pela forma com que algo modifica nossa existência. Os autores chamam essa confirmação do docente de “experiência de identidade” (TARDIF; LESSAR, 2016, p. 52). Isso indica que o trabalho docente se configura como uma experiência por toda vida profissional, uma vez que, a cada nova turma, o professor precisará se “redescobrir”, se “refazer” como docente.

Perrenoud (2002), desenvolveu princípios básicos para se tornar um professor. O autor acredita que a função das escolas seja democratizar o acesso aos conhecimentos, ampliar a autonomia, o pensamento crítico e a capacidade de defender um ponto de vista, e que o professor é o profissional responsável por esses conceitos. O sociólogo suíço ainda trabalha sob uma lista para indicar quais são os pontos mais específicos nessa formação docente, são eles:

1. Uma transposição didática baseada na análise das práticas e em suas transformações.
 2. Um referencial de competências que identifique os saberes e as capacidades necessários.
 3. Um plano de formação organizado em torno das competências.
 4. Uma aprendizagem por problemas, um procedimento clínico.
 5. Uma verdadeira articulação entre a teoria e a prática.
 6. Uma organização modular e diferenciada.
 7. Uma avaliação formativa baseada na análise do trabalho.
 8. Tempos e dispositivos de integração e de mobilização das aquisições.
 9. Uma parceria negociada com os profissionais.
 10. Uma divisão dos saberes favorável à sua mobilização no trabalho.
- (PERRENOUD, 2002, p. 16)

Entre os pontos citados acima, destaco o número cinco, que enfatiza a articulação entre teoria e prática. É importante nos atentarmos para o quanto é necessário a compreensão dos professores em relacionar ambas. Fixo esse ponto da lista, pensando que as bases teóricas do

professor podem ser expressas em seus planejamentos, mas também em sua ação em sala de aula. E é na sala de aula que podemos observar a efetivação, digamos, prática, daquilo que fundamenta o fazer pedagógico do professor – os autores, concepções, princípios nos quais ele se embasa.

3.2 CURRÍCULO E PLANEJAMENTO NO TRABALHO DOCENTE

Desde que iniciei meu estágio, deixei claro para minha orientadora que gostaria de levar inúmeros recursos para meus alunos, pois, a meu ver, temos que planejar uma aula na qual nós mesmos gostaríamos de estar. Assim como Freire (2015) evidencia, “[...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma o formado” (FREIRE, 2015, p. 25), e, por mais confuso que possa parecer de início, é esse o ato que um professor faz (ou deveria fazer) todos os dias em sala de aula. O professor ensina e aprende; o aluno aprende e ensina. Cada discente tem algo para ensinar ao seu docente, e é permitindo essa troca de conhecimentos, que modificamos nossas identidades e trabalhamos para transformar a nós mesmos (TARDIF; RAYMOND, 2000).

Tardif e Raymond (2000) comentam que professores salientam diversas competências e ações e o quanto é prazeroso ser capaz de fascinar seus alunos, dar asas à imaginação, dar voz aos discentes, dar importância aos conhecimentos prévios, ser autêntico em aula e saber questionar a si mesmo. Destaco isso para percebermos que, a partir de um planejamento bem estruturado, poderemos destacar cada ponto descrito acima. A formação docente, segundo os mesmos autores, não depende apenas do que é ensinado nas aulas durante o processo formativo, e sim, de cada experiência vivida em uma sala de aula. O grandioso de ter uma boa organização nos planejamentos é saber que essa grande preparação poderá concorrer para a efetivação do trabalho do docente.

Outro autor que complementa a importância de pensarmos um planejamento autônomo e apropriado para cada turma, além de evidenciar a criatividade docente, é Miguel Arroyo (2013). O educador visa sensibilizar o professor para autoria de seu próprio currículo. “É dever dos docentes abrir os currículos para enriquecê-los com novos conhecimentos e garantir o seu próprio direito e o dos alunos à rica, atualizada e diversa produção de conhecimentos [...]” (ARROYO, 2013, p. 37). Segundo este autor, currículo é “[...] o núcleo e o espaço central mais estruturante da função da escola” (ARROYO, 2013, p. 13).

Arroyo (2013) problematiza justamente essa questão sobre o modo como o currículo é utilizado. Sabemos que é necessário, algumas vezes, seguir os currículos das escolas ou dos governos, mas, diante dos conteúdos que devemos trabalhar com os discentes, podemos executá-los de forma única e autoral, trazendo a criatividade que o autor tanto aponta que falta nas salas de aulas. Refletindo sobre a citação que abre esse capítulo, percebemos que, mesmo ainda sendo poucos, há inúmeros professores que já questionam e ousam através do que o currículo das escolas impõe. O autor expõe que, em escolas onde vem ocorrendo essa modificação de currículos padrão para um currículo mais criativo, a garantia do direito ao conhecimento ocorreu de forma mais ampla, significativa e criativa.

Pronuncio-me sobre os currículos, por entender que o que eu conquistei através de um planejamento detalhado era exatamente o que Arroyo (2013) comenta em seu livro. Conseguia transmitir os conhecimentos necessários especificados no currículo da escola onde fiz meu estágio obrigatório através da criatividade. Diante de minhas justificativas eu conseguia abordar dois aspectos: 1) o que o currículo solicitava que fosse abordado; 2) o que minha turma precisava e como ela necessitava que fosse trabalhado aquele conhecimento.

Portanto, com esse subcapítulo, destaco a importância de um planejamento bem estruturado e o quanto ele é constituinte do trabalho docente. É dessa forma que conseguimos ser os docentes que Arroyo (2013, p. 39) destaca em seu livro, professores que ajudam os educandos a se entender e a entender o viver. Enquanto escrevemos nossos planejamentos, estamos pensando no melhor para nossos alunos, para nossas aulas e nossos objetivos para o crescimento e qualificação do nosso trabalho.

Thurler (2002) também comenta o quanto os professores necessitam de um planejamento detalhado para conseguirem possibilitar sua ação pedagógica. Porém, a autora critica as consequências que ocorrem quando um profissional não consegue flexibilizar sua aula e permite que o planejamento assuma sua docência. Portanto, para nos tornarmos docentes competentes, precisamos compreender o quanto alguns momentos não descritos nos planejamentos enriquecem nossas aulas, como por exemplo, uma fala importante que precisa ser reconhecida, um acontecimento no meio da semana que não podemos deixar de comunicar, a retomada de algum conteúdo que não ficou bem compreendido pela maioria da turma, entre outros.

3.2.1 CURRÍCULO E PLANEJAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS

Início agora uma discussão acerca do planejamento na alfabetização, isso porque meu estágio ocorreu em uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental. De acordo com Piccoli e Camini (2012, p.100), planejar para alfabetização envolve promover reflexões linguísticas, o que significa refletir acerca da língua falada e escrita. Segundo as autoras, a alfabetização está relacionada a conseguir se comunicar pela leitura e escrita, “[...] utilizando os gêneros textuais que circulam em cada contexto cultural.” (PICCOLI; CAMINI, 2012 p. 101).

Destacando a alfabetização como princípio norteador desse trabalho, evidencio uma autora que muito contribuiu para a revolução do processo de alfabetização, Emília Ferreiro, que problematizou sobre não ser os métodos nem os testes que auxiliam o processo de alfabetizar e sim que as próprias crianças, por meio de hipóteses que formulam, desvendam o funcionamento desse objeto de conhecimento. Porém, convém destacar, que esse “desvendar” da criança a respeito do funcionamento do sistema de escrita, dentro do ambiente escolar, ocorre sempre mediado pela ação da professora. É a competência profissional da professora alfabetizadora que irá auxiliar a criança no difícil processo de conhecimento das regras e convenções do sistema alfabético-ortográfico de escrita, assim como no caminho da produção e compreensão de textos.

Para conseguirmos pensar alfabetização, precisamos nos deter em quatro eixos fundamentais à prática pedagógica e ao planejamento: oralidade, leitura, escrita e análise linguística (PNAIC, 2015). Ainda que eles sejam mostrados separadamente, todos devem compor de forma associada e relacionada o planejamento para alfabetização.

Iniciaremos com a oralidade. Inúmeros estudiosos estão convictos em afirmar que as escolas necessitam sim ensinar oralidade para as crianças, pois se sabe que ela tem uma ligação direta com a vida social dos indivíduos. Dessa forma, há inúmeras possibilidades de trabalharmos tom de voz, além de postura e desenvoltura, relacionando oralidade com competência textual, de modo formal ou informal. Em seu livro, Piccoli e Camini (2012, p.60) evidenciam esse ensino e dão alguns exemplos, tais como: narração de fatos de forma coerente e clara; apresentações de temas estudados; argumentações de pontos de vista; descrição e sistematização de ideias e variação do tom de voz de acordo com a situação. Portanto, é necessário levarmos para a sala de aula esse processo, pois a comunicação tem cada vez mais avançado através de meios digitais, com o uso de celulares e aplicativos. As

crianças precisam aprender em sala de aula a “[...] norma-padrão adequada à escrita [...], mas é preciso fazê-lo sem desconsiderar a importância e o valor das variações linguísticas”, (PICCOLI, CAMINI, 2012, p.61) dentre elas, as variantes orais. Diante disso, é interessante ressaltarmos sobre a fala “certa e errada”, “formal e informal”, já que desde cedo as crianças manuseiam esses suportes digitais em que as pessoas redigem marcadores típicos de fala como: “hum”, “hein” e etc.

A leitura, segundo Kleiman (2004), é uma atividade na qual, via texto, ocorre uma comunicação entre o leitor e autor. Mesmo que a criança ainda não seja alfabetizada é bem possível que haja essa interação com o auxílio de um adulto leitor. Esse leitor, conforme Nunes (2007), além de decodificar os símbolos alfabéticos desconhecidos pelo aluno, auxiliará o mesmo a interpretar o texto, “[...] ajudando-o a tornar-se um leitor crítico, capaz de ler, compreender e construir sentidos” (NUNES, 2007, p. 101). É dessa forma, através da mediação, que a criança inicia o processo de construir a habilidade de leitura. Se pesquisarmos mais a fundo a perspectiva histórica, Colomer (2007, p. 34) explica que, antigamente a leitura era realizada somente por pessoas das elites sociais, pois necessitavam aprender para poder trabalhar, sendo assim, os menos favorecidos eram distanciados das práticas de leitura em seus ambientes de trabalho. Segundo a autora, somente quando foi entendido que leitura era importante para interpretação de qualquer discurso social que a prática foi aceita, isso ocorreu a partir de 1960.

Piccoli e Camini (2012) explicam que a prática da leitura se dá por dois eixos, decodificação e compreensão. Em relação à alfabetização, ambos os eixos devem estar unidos, porque um aluno necessita aprender a decodificar para conseguir praticar a compreensão. Em suma, isso se faz, favorecendo as leituras coletivas, em voz alta, formulando perguntas interessantes, reagindo às respostas dos alunos (BRANDÃO; ROSA, 2010 p. 73), ativando conhecimento prévio e motivando os educandos.

Para Ferreiro (1996) leitura e escrita são construídas gradativamente e devemos sempre considerar as construções realizadas pelos nossos alunos, pois se esforçaram para representar algo no papel. Apesar de muitas professoras pensarem que se aprende escrever realizando cópias, não é assim que realmente acontece. Piccoli e Camini (2012) abordam exatamente esse contexto e exemplificam que escrita se aprende através de “[...] interações relevantes em torno da escrita em produção” (PICCOLI; CAMINI, 2012, p.69). As duas autoras comentam o quão necessária se faz a motivação da escrita para os alunos, a partir de situações desafiadoras; produções coletivas, que podem ser realizadas até mesmo no quadro com a

professora como escriba; e a permissão da reescrita, em que as crianças possam rever seus erros e reorganizar seus textos. Contudo, os alunos não necessariamente precisam estar escrevendo alfabeticamente para receberem propostas de escrita de textos, pois, diante desses investimentos pedagógicos, estarão aprendendo como se desenvolve a ideia de um texto desde o primeiro ano do período escolar.

Para alfabetizar uma criança, sabemos que é importante apresentar textos e livros que chamem a atenção, que façam parte do cotidiano dos alunos. Não é necessário ensinar primeiro as vogais e as consoantes separadamente, e sim aprender diretamente com os textos para, a partir deles, refletir e analisar outras unidades linguísticas. Com isso, os educandos conseguem comparar as palavras já trabalhadas e criar hipóteses nas escritas de outras.

Já a análise linguística se constitui como um elemento que permite refletir a organização do texto escrito, tendo como objetivo tornar o aluno leitor e produtor de texto coerentes. A coerência, segundo Koch e Travaglia (1990), está diretamente ligada a lógica de estabelecer um texto claro e com sentido para o leitor. É importante apresentar para a criança três perguntas guias que a auxiliarão no processo de escrita de um texto: O que dizer? Para quem dizer? Quais estratégias para dizer? (PICCOLI; CAMINI, 2012, p. 69).

A prática da análise deve ser realizada constantemente em todo processo de produção de texto dos alunos. E, diante de tudo já informado aqui, faz-se necessário comunicar a importância de inovar as práticas de ensino, desafiando sempre a criança e flexibilizando a reflexão, pois é muito significativo não avaliar apenas a gramática, mas todo o envolvimento que o aluno buscou ter para produzir a escrita. Dessa forma, a aprendizagem ocorrerá de uma forma mais significativa, pois o aluno terá mais chances de reorganizar e reescrever seus textos, baseando-se na construção de conhecimentos e não em seus erros.

Entendemos que, em vista de tudo que foi explicado, conseguimos estabelecer uma conexão entre trabalho docente e planejamento e, dentro deste, especificamente o planejamento para alfabetização. Além disso, foi possível demonstrar que essa conexão compõe a competência pedagógica do professor, pois como Maulini e Wandfluh (2012, p. 92), afirmaram que “O trabalho docente é metade organizado, metade organizante”. Isso significa, sendo os autores que o trabalho necessita de um planejamento adequado para ser organizado, pois, através dele, guiamos nossas aulas e encontramos formas de efetivar as aprendizagens dos alunos. Em suma, enquanto organizamos nossos planejamentos, os planejamentos organizam nosso trabalho docente. Claro que sempre haverá algo que

necessitará ser (re)organizado no momento da aula, como já vimos acima, pois o planejamento deve ser flexível, e isso também se aplica ao trabalho docente, pois um professor precisa procurar formas de improvisar diante de situações inesperadas (algumas poucas vezes).

Voltando a analisar a citação dos autores, conseguimos constatar o que venho tentando trazer desde o início desse trabalho: para que nossa docência seja eficaz e traga mais benefícios não somente para o aluno, mas também para nós mesmos, devemos planejar. Planejar as aulas significa organizar; organizar seu tempo, o rendimento dos alunos, o material a ser utilizado, etc. Enfim, os autores comentam o quanto isso é essencial para termos um modelo “[...] perfeitamente linear [...]” (MAULINI;WANDFLUH, 2012, p.103) de uma boa aula, em que o professor, através do planejamento, traça um objetivo, analisa-o, escolhe as atividades de acordo com cada aluno ou grupo e decide quais materiais serão utilizados. Portanto, o planejamento, quando bem estruturado, torna visíveis as escolhas didático-metodológicas do professor. E são elas que serão foco de análise no capítulo a seguir.

4. ANÁLISES

Escolhas e decisões. Esses são elementos constitutivos do trabalho docente e que se materializam no planejamento do professor. As análises desse trabalho buscam pelas justificativas que embasam algumas das escolhas e decisões feitas por uma professora-estagiária e que estão registradas nos planos diários que compõem o planejamento semanal organizador da ação docente. Dentre as variadas justificativas encontradas no mapeamento inicial, foram selecionadas para compor este TCC, aquelas que se referem à organização (do ambiente, da turma, do tempo e dos materiais), aos recursos e às estratégias didáticas, conforme já antecipado na parte metodológica do trabalho.

O capítulo será organizado a partir de três eixos, estruturados em subtítulos. O primeiro eixo mostrará as justificativas para as organizações realizadas, a fim de caracterizar a importância de descrever as organizações do ambiente, da turma, da rotina e etc. O segundo eixo englobará alguns as justificativas que acerca dos recursos que utilizados para alfabetização, mostrando a relevância de expor os critérios utilizados para escolha de um livro, um material potente, entre outros. Já no terceiro eixo explicitarei as escolhas para as estratégias didáticas, como por exemplo, deixar a turma mais unida e proporcionar um aprendizado mais interativo. Como já esclarecido no capítulo da metodologia, essas análises serão documentais, tendo como material analisado meu Diário de Classe.

4.1 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO (DO AMBIENTE, DA TURMA, DO TEMPO E DOS MATERIAIS)

Para criança, espaço é o que sente, o que vê e o que faz nele (FORNEIRO, 1998 *apud* Zabalza, p. 231).

Com essa citação, inicio o primeiro eixo desse capítulo: Organização do trabalho pedagógico (do ambiente, da turma, do tempo e dos materiais). Explicitarei os pontos mais relevantes que me fizeram escolher essa justificativa, já que foi a única escolhida qualitativamente. Como já informado no capítulo metodológico, essa categoria se embasa em características particulares de escolha, no meu caso, por entender a necessidade do planejamento da organização dos diversos fatores envolvidos na prática pedagógica para uma atividade ser bem executada. Voltando à citação inicial, Forneiro (1998), citado por Zabalza, mostra a necessidade de organizar um espaço para que as crianças possam significá-lo de inúmeras formas, pois o ambiente se ressignifica de acordo com cada proposta.

Em uma pesquisa realizada para a XVI Semana da Educação, Serodio e Steinle (2016), analisam inúmeras contribuições de diferentes autores sobre organização e sua importância para o ensino e a aprendizagem. As autoras expõem que ainda é muito raro encontrar uma escola que se importe com o sentido de pertencimento das crianças ao local, o que torna difícil a integração das mesmas no ambiente. Pensando em turmas de primeiro ano, como no meu caso, em que alguns alunos não haviam frequentado a Educação Infantil, é apropriado que pensemos em formas de a sala se transformar em um ambiente onde a criança queira estar. Isso pode ser feito colando cartazes realizados pelas crianças, criando um alfabeto que tenha um tema de interesse aos alunos, entre outras coisas que possam construir esse sentimento de pertencimento. Até mesmo um Projeto que faça com que as crianças levem para fora da sala de aula seus interesses, colando nas paredes da escola cartazes realizados por elas. Mas, segundo as autoras, o que acontece é que apresentamos para as crianças uma escola padrão, querendo que se adaptem o mais rápido possível a esse mundo sem levar em consideração suas individualidades.

Galardini e Giovannini (2002) defendem a parceria entre organização e os processos de ensino e aprendizagem, afirmando que “[...] a qualidade e a organização do espaço e do tempo dentro do cenário educacional podem estimular investigação, incentivar o desenvolvimento das capacidades de cada criança, ajudar a manter a concentração [...]” (2002, p. 118). Percebemos, então, o quão importante é criar ambientes que possibilitem interação, conhecimento, desenvolvimento, autonomia e uma rotina escolar desafiadora.

Iniciei esse eixo analítico focando na organização do espaço e abaixo apresento um excerto que visibiliza isso:

A ideia é no dia seguinte expor os desenhos no Mural da Leitura que tem na sala de aula. Como fica ao lado de onde as crianças fazem a rodinha, *tentarei toda semana expor algo das nossas histórias no mural, deixando, assim, a sala com mais personalidade e fazendo com que os alunos possam ter o sentimento de pertencimento do local.* (02/04/2018)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 2 – acervo pessoal

Esse trecho foi retirado do meu planejamento da segunda semana. Os alunos haviam realizado um desenho sobre o livro “O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado” (WOOD, 2012) e minha ideia era expor esses desenhos para que as crianças conseguissem iniciar uma construção do que as autoras Serodio e Steinle (2016) chamam de “sentido de pertencimento”. Na sala onde realizei meu estágio havia um Mural da Leitura antigo e não utilizado mais pelas professoras, tanto do turno da manhã, quanto da tarde; por

esse motivo, decidi começar a utilizá-lo mais. Dessa forma, as crianças conseguiriam perceber suas próprias atividades compondo o ambiente da escola e ainda poderiam lembrar-se da história da semana diariamente, pois, em nossas rodinhas de início da aula, fazíamos chamada e lembrávamos o que estávamos estudando na semana. Nesse sentido, vemos que a organização da escola da sala de aula e da escola cumpre uma função pedagógica, servindo de apoio para intervenções da professora diariamente. Esses elementos compõem a justificativa escrita no planejamento para a utilização do Mural da sala, explicitando, assim, uma concepção docente sobre a relação dos alunos com o espaço da sala de aula.

Outro assunto importante que trataremos aqui será a organização do tempo. É de suma relevância pensar na organização da rotina das atividades a partir do planejamento. Essa rotina deve proporcionar um aproveitamento do tempo de aula de modo mais qualificado, visando o ensino e a aprendizagens das crianças. Não podemos deixar de destacar que essa organização deve ser flexível, podendo haver algumas alterações e adaptações durante as aulas, conforme algumas situações inesperadas possam acontecer. Petitat (1994) faz uma crítica sobre as crianças precisarem assimilar os conteúdos em um tempo limitado, fazendo com que haja um “enquadramento temporal” que define os alunos “bons” e “maus”, dependendo do tempo que conseguem realizar uma atividade. Aponto isso para que possamos conseguir estabelecer uma diferença entre um planejamento típico desse enquadramento e um planejamento flexível, que possibilita para o aluno um desempenho real.

Esse tempo controlado e preciso tem seu desenvolvimento fundamentado no Taylorismo, que foi criado por Frederick Taylor no século XX. Esse sistema de organização do trabalho foi elaborado com o objetivo de aumentar o ritmo de trabalho e diminuir o tempo de cada atividade. Mesmo sendo um sistema que visava a organização do tempo em fábricas, o taylorismo atingiu outras instituições, principalmente as escolas, durante a ditadura militar, nas décadas de 60 e 70 no Brasil.

Para este trabalho, preocupo-me por contextualizar a temporalidade como uma lógica para organizar o desenvolvimento do trabalho do professor na sala de aula, refletindo sobre a importância de o docente prever o tempo das atividades, podendo, assim, identificar quais tarefas exigirão mais ou menos tempo. Dessa forma, o professor consegue facilitar o controle do trabalho desenvolvido em sala de aula.

Nas escolas, o tempo pode ser dividido em administrativo e pedagógico. O tempo escolar administrativo está relacionado ao calendário, datas comemorativas, férias, semanas de provas e etc. O pedagógico é o foco do trabalho docente, que de certa forma está

sustentado pelo tempo administrativo, mas tem como referência o desenvolvimento dos dias, das semanas, dos trimestres, semestres e ano letivo. No presente trabalho, focarei no tempo pedagógico, como informado anteriormente.

Quando falamos de organização do tempo, entramos na questão da rotina. Tardif e Raymond (2000), afim de esclarecer essa “rotinização” do trabalho docente, expõem que não acreditam que essa rotina seja uma forma de estruturar e agir de maneira repetitiva e, sim, uma forma de controlar os acontecimentos em sala de aula, constituindo “[...] ‘maneiras de ser’ do professor, seu ‘estilo’ e sua ‘personalidade profissional’” (TARDIF; RAYMOND, 2000, p.233-234). Portanto, a partir desse argumento, podemos dizer que organização da rotina do trabalho está ligada diretamente com a ressignificação diária do docente nos espaços da sala de aula. Facilitando e controlando o uso do tempo pedagógico, considerando os ritmos e possibilidades de aprendizagens dos alunos, o professor tem possibilidade de ajustar o ensino às demandas observadas na turma.

A cada semana do meu estágio eu realizava um quadro síntese do meu planejamento (Imagem 1), no qual disponibilizava os horários de aula e cada atividade que seria efetuada dentro daquele tempo. Logo no início do estágio, sempre faltava ou sobrava tempo nas aulas e eu, como docente, precisava realizar algumas modificações durante a aula. No decorrer do estágio, o tempo das atividades foi sendo mais bem distribuído, se tornando mais significativo tanto para mim quanto para os alunos. Dessa forma, é importante saber que, a cada organização de um planejamento, o professor vai conhecendo melhor seus alunos e refletindo melhor sobre o tempo de cada proposta, aperfeiçoando sua distribuição na rotina escolar de cada turma.

Figura 1: Quadro semanal de planejamento

Horário	Segunda 21/05/2018	Terça 22/05/2018	Quarta 23/05/2018	Quinta 24/05/2018
07h50min às 08h45min	<p>Chamadinha e música de “Bom Dia!”</p> <p>Contagem meninos e meninas presentes na turma</p> <p>Escolha dos ajudantes</p> <p>Escrita no caderno: data + ajudantes (20 min)</p> <p>Classificação das abelhas (15 min)</p> <p>Registro no caderno (+/- 20 min)</p>	<p>Chamadinha e música de “Bom Dia!”</p> <p>Contagem meninos e meninas presentes na turma</p> <p>Escolha dos ajudantes</p> <p>Escrita no caderno: data + ajudantes (20 min)</p> <p>Pátio</p>	<p>Chamadinha e música de “Bom Dia!”</p> <p>Contagem meninos e meninas presentes na turma</p> <p>Escolha dos ajudantes</p> <p>Escrita no caderno: data + ajudantes (20 min)</p> <p>Leitura diferenciada: Bruxa, Bruxa venha a minha festa (15 min)</p> <p>Atividade: Minha resposta para o convite (15 min)</p>	<p>Chamadinha e música de “Bom Dia!”</p> <p>Contagem meninos e meninas presentes na turma</p> <p>Escolha dos ajudantes</p> <p>Escrita no caderno: data + ajudantes (20 min)</p> <p>Biblioteca</p> <p>Desenhando a abelha preferida no PAINT</p>
08h45min às 09h20min	<p>Higiene (15min)</p> <p>Lanche (20min)</p>	<p>Higiene (15min)</p> <p>Lanche (20min)</p>	<p>Higiene (15min)</p> <p>Lanche (20min)</p>	<p>Higiene (15min)</p> <p>Lanche (20min)</p>
09h20min às 10h30min	<p>Desenho colmeia (30 min)</p> <p>Atividade: Pedacinho das palavras (40 min)</p>	<p>Leitura do livro: Bruxa, Bruxa venha à minha festa (+/- 15 min)</p> <p>Batalha de palavras (40 min)</p>	<p>Jogo: coleção (30 min)</p> <p>Quadra (fixo) e brinquedo livre</p>	<p>Abelhas – extinção (20 min)</p> <p>Pracinha (fixo)</p>
10h30min às 10h45min	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
10h45min às 11h30min	<p>Atividade: formas geométricas (30 min)</p> <p>Massinha e Diferenciação em grupo</p>	<p>Atividade: Ligue as imagens às palavras corretas (15 min)</p> <p>Tema de casa (5 min)</p> <p>Desenho livre e Diferenciação em grupo</p>	<p>Atividade: Monta palavras (20 min)</p> <p>Livrinhos e Diferenciação em grupo</p>	<p>Atividade: Completar (20 min)</p> <p>Fechamento da semana: JOGO DO PARE (30 min)</p>

Sequência didática / Atividade Matemática / Atividades permanentes / Atividades variadas/ Atividades do projeto

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 9 – acervo pessoal

É considerável também evidenciar a importância de o docente conseguir atribuir tarefas para cada aluno, fazendo com que sobre mais tempo para focar em algum grupo com mais dificuldade, como por exemplo:

Pensei em colocar um aluno no nível 4 ou 5 em cada grupo, para conseguirem administrar a brincadeira enquanto eu foco um tempo maior em outro grupo com mais dificuldade de aprendizagem. (18/06)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 13 – acervo pessoal

Nessa situação, os alunos jogavam o jogo da memória, no qual tinham que formar pares com uma imagem e a sílaba inicial correspondente e, ao acertar, os alunos poderiam ficar com as fichas para si. Ao final do jogo ganhava quem tivesse mais fichas. Planejei a organização dos agrupamentos de alunos, pois, colocando um aluno de nível mais avançado em cada grupo, eu conseguiria mais tempo para focar em outro grupo em que estavam somente alunos em níveis pré-silábicos. A justificativa apresentada no Diário de Classe evidencia um princípio do trabalho docente, chamado por Perrenoud (2011) de “discriminação positiva”, pois, ao atribuir uma tarefa que alguns alunos conseguiriam fazer sozinhos eu pude oferecer toda a minha atenção e disponibilidade, naquele momento, para aquelas crianças que mais necessitavam de mim. Essa organização permitiu realizar algumas boas intervenções com o grupo e utilizar o tempo de duas maneiras, a) um jogo cooperativo com um grupo; b) concentrar-me em alunos que precisavam de um tempo maior de auxílio da professora.

Um planejamento bem estruturado pode determinar o tempo que o docente se dedicará às atividades, facilitando a rotina diária e semanal, apontando as frequências com que serão realizadas as atividades, a melhor forma de tratar didaticamente os conteúdos (em projetos, sequências didáticas, atividades permanentes), os tipos de atividades a serem propostos e etc. A maneira de gerir o tempo da aula torna visível algumas concepções e princípios que constituem o docente e seu trabalho. Desse modo, planejar o tempo não só proporciona melhor aproveitamento da aula, como também auxilia o professor a ter uma funcionalidade mais regrada e qualificada dentro da sala de aula.

Houve um tempo em que o sinônimo de ensinar era transmitir o conhecimento aos alunos. Estes eram colocados todos uns atrás dos outros, voltados para o quadro e sem menor interação entre os colegas. Os recursos didáticos utilizados eram, predominantemente, o quadro, o livro ou a cartilha, e o caderno. Atualmente, mesmo que haja aulas com essas características, há muitos outros materiais que auxiliam o professor a proporcionar

aprendizagens mais efetivas para o aluno. O que abordaremos agora serão as justificativas referentes à organização desses materiais.

O professor deve procurar organizar materiais e recursos que façam com que o discente tenha sua atenção voltada para a aula. Dessa forma, o profissional deve promover aulas mais dinâmicas e atrativas. Souza (2007) explica que o uso de bons materiais didáticos facilita o desempenho docente na hora de realizar seu trabalho em sala de aula. Inúmeras vezes pensamos somente que o material auxiliará o aluno, o que é verdade, mas, quando levamos para nossa sala de aula um material inovador que chame a atenção dos alunos, estamos auxiliando a nós mesmos, professores, a conseguir desenvolver as habilidades que tínhamos como objetivo.

Um bom exemplo é o uso do caderno. Muitos alunos chegam no primeiro ano sem saber como utilizar o caderno da forma convencionalmente utilizada no espaço escolar. Escrevem em qualquer página, iniciam as escritas no final das folhas, ou da direita para a esquerda. Uma das minhas justificativas para levar um marcador de página, produzido por mim mesma, foi exatamente com essa intenção: auxiliar os alunos a escreverem na página correta e a se organizarem no caderno. Foi um material que auxiliou os alunos e também me ajudou na organização da aula, já que eu não precisava ficar passando em todas as mesas para olhar se estavam abrindo na página correta, como no início do trimestre.

[...] será explicado para que serve e como funciona um marca página. *Desse modo, penso que será mais fácil identificar a página que pararam e servirá de aprendizado para aqueles que escrevem em qualquer página.* (07/05/2018)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 7 – acervo pessoal

Conforme fica explícito no excerto, a justifica para a escolha do recurso didático “marca página” está fundamentada em uma necessidade observada na turma – a aprendizagem do uso do caderno – e, ao mesmo tempo, na possibilidade que esse recurso traria para a organização da aula, ao facilitar o trabalho da professora.

Outra significação da organização dos materiais é fazer com que a escolha de um recurso nos auxilie nas aulas como uma estratégia de avaliação.

A questão do recorte é perceber a evolução das crianças quanto à motricidade fina. Percebi, durante a observação, que muitos ainda não conseguem segurar a tesoura, quiçá recortar em volta das imagens sem tirar um pedaço das mesmas. *Quero, a partir disso, construir uma atividade fixa de recorte, pelo menos uma vez na semana, para conseguir perceber uma linha de evolução.* (05/04/2018)

Nesse excerto apresento como tentei organizar um material que me auxiliasse a perceber uma evolução dos alunos em algo que muito me preocupava, que eram as questões de motricidade fina. Segundo Papalia (2010), é esperado que as crianças dos 3 aos 6 anos manifestem grandes progressos nas questões motoras, como abotoar e desenhar. Alguns dos meus alunos não haviam frequentado educação infantil, como já informado aqui; e os que haviam participado, também expressavam grande dificuldades nos recortes. Dessa forma, busquei como estratégia estabelecer uma atividade fixa, de pelo menos uma vez na semana em que os alunos recortavam jogos, letras do alfabeto, levavam tema para recortar de jornais e revistas, com o objetivo de promover um progresso na motricidade fina. Podemos compreender que a escolha do recurso e da proposta didática associada a ele se dá por motivos pontuais estabelecidos por mim como professora da turma, ou seja, a justificativa para a utilização semanal da tesoura tinha uma ancoragem na necessidade de desenvolvimento das habilidades de motricidade fina dos alunos, tornando esse recurso estratégico do ponto de vista educacional.

Chegando ao fim desta primeira unidade analítica, reservo-me a apresentar a última modalidade escolhida sobre organização, aquela que se refere aos Alunos. Contarei um pouco sobre minha experiência em tentar organizar a turma, a fazer trabalhos em duplas, trabalhar em grupos e etc. Levando em consideração as necessidades de cada aluno e tentando sempre promover uma aula com dinâmica e união.

A interação na sala de aula é de suma importância para o trabalho pedagógico, pois é diferente para as crianças aprenderem com o professor ou com os colegas. O grande benefício dessa troca é promover uma complementação do que os alunos sabem individualmente e o que conseguem avançar juntos. De acordo com o pensador russo Lev Vygotsky, as interações sociais auxiliam a impulsionar o conhecimento, já que a aprendizagem, segundo o autor, só é concluída quando intermediada pelo outro. Então, dessa forma, se torna interessante promover interações na sala aula que se baseiem no respeito e na cooperação, com vistas ao desenvolvimento das habilidades dos alunos. Trabalhando em grupo, a criança não só aprende de uma forma mais dinâmica, mas também desenvolve valores sociais importantes, como o respeito, compreensão, solidariedade, aprende a escutar o próximo, saber sua vez de falar e essas são habilidades fundamentais dentro e fora da sala de aula. Nesse sentido, e considerando que a diversidade está presente em todas as salas de aula, é parte do trabalho

pedagógico do professor prever em seu planejamento organizações de trabalhos que proporcionem interação entre os alunos da turma.

Barreira (2016), ao escrever sobre trabalhos em duplas, evidencia que o grande ganho de trabalhos assim é a troca de ideias realizadas pelos alunos. Os alunos precisam aprender em sala de aula a “[...] discutir, comparar, negociar, informar, perguntar, cooperar [...]” (BARREIRA, 2016), esses são desafios que a organização dos trabalhos em duplas oferece. Além disso, promovem o conhecimento individual e, ao mesmo tempo, propiciam uma construção coletiva de saberes. A pedagoga também comenta sobre a importância de planejar bem esses momentos, evidenciando que é a partir de um planejamento bem detalhado que garantimos que os objetivos da aprendizagem sejam alcançados. Portanto, não podemos apenas deixar com que as crianças escolham suas duplas e grupos e aguardar que as coisas se realizem, o trabalho em dupla e em grupos precisa ser bem pensado e planejado para ocorrer de forma organizada e que viabilize o conhecimento².

A turma será dividida em duplas, previamente organizadas pela professora estagiária³, e fornecida uma folha de ofício para cada dupla. O objetivo dessa atividade é fazer com que os *colegas possam fazer um único desenho juntos*. Para isso, precisarão pensar em cores, traços, trocar ideias e planejar o que desenhar. (09/04/2018)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 3 – acervo pessoal

Nesse excerto retirado do meu Diário de Classe, podemos perceber que, antes de efetuar a atividade, eu planejei-a com muito cuidado, atentando-me em colocar o objetivo da mesma para não perder o foco. Estávamos estudando sobre o livro “Pedro e Tina (Uma amizade muito especial)” (KING, 2017), e um dos focos do texto é atentar as crianças para a amizade entre uma menina e um menino que via o mundo de uma forma diferente. Desse modo, quis trabalhar em duplas que não fossem somente de sexos iguais, mas que possibilitassem às crianças a trocarem ideias com o sexo oposto, já que havia muita briga entre meninos e meninas. Os alunos tiveram alguns minutos para planejar e conversar sobre o que desenhariam; a proposta era fazer um desenho sobre uma brincadeira que gostavam. Portanto, os colegas deveriam conversar e chegar a uma possibilidade que englobasse os dois discentes

² Com isso não se está argumentando que sempre a professora deverá escolher os agrupamentos na sala de aula. Haverá momentos em que os alunos poderão escolher seus parceiros de trabalho, porém, em outros momentos – e esses são os que focalizo aqui – será feita uma escolha intencional da professora em relação à organização dos alunos para as postagens.

³ Pensei em vários critérios para organização, porém acredito que o que trará mais interação dos alunos e equilíbrio é o de evitar alunos mais quietos com os muito agitados. Evitei, também, de montar duplas somente de meninas ou de meninos, tentei mesclar o maior número possível de duplas para que a turma se acostume com o convívio com todos colegas, não somente com aquele que “conversa mais”.

no desenho. Após essa decisão, eles puderam começar a desenhar e, mais tarde, apresentar seus esboços para o grande grupo. Os desenhos foram colados no mural da sala de aula. Outra situação bem recorrente em meus planejamentos, em que eu me dedicava a escrever sobre as justificativas de organização, eram aquelas nas quais havia diferenciações pedagógicas a serem realizadas com os alunos que se encontravam em níveis menos avançados de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, como pode ser visto no excerto abaixo. De acordo com Perrenoud (2011), diferenciar o ensino é tornar possível que todo aluno tenha um ensino favorável. O autor considera a proposta como uma “discriminação positiva” (p. 25), já que prioriza o aluno que têm uma dificuldade de aprendizagem e de desenvolvimento e que, portanto, necessita de mais investimento e atenção da professora.

Na diferenciação, levarei letras móveis e os alunos deverão montar seu nome. *Atenderei um de cada vez, pois quero perguntar cada letra do nome e me atentar muito bem para cada um, para perceber quem já está bem dominando o nome. (22/05/2018)*

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 9 – acervo pessoal

No trecho, observamos que, enquanto os outros alunos faziam uma atividade sozinhos, eu consegui administrar o tempo na sala e focar nos alunos com mais dificuldade. As justificativas encontradas no material empírico para a realização dos agrupamentos dos alunos em sala de aula estavam pautadas, em grande medida, pelos objetivos que a professora queria alcançar. Saber avaliar qual a melhor forma de organizar a turma para atingir um objetivo de aprendizagem é uma competência profissional que o docente precisa construir, pois essa organização pode promover mais ou menos interações entre professor e alunos e entre os próprios alunos.

Além disso, entendemos que essas justificativas provam a importância de um planejamento bem equilibrado, flexível e organizado. Pois é diante desses planejamentos que conseguiremos atuar de forma mais preparada em sala de aula. Todas essas justificativas sobre as escolhas didático-metodológicas envolvendo as diferentes organizações da sala, da turma, dos recursos, etc., precisam andar juntas para proporcionar um ensino de qualidade para todas nossas crianças. É notável que organizando nosso ambiente, nosso tempo, recursos e alunos, conseguiremos harmonizar nossos planejamentos e nossas aulas da melhor forma possível.

4.2 A IMPORTÂNCIA DOS RECURSOS DIDÁTICOS

O material a ser utilizado deve proporcionar ao aluno o estímulo à pesquisa e a busca de novos conhecimentos. O propósito do uso de materiais concretos no ensino escolar é o de fazer o aluno a adquirir a cultura investigativa [...] (Souza, 2007, p.111).

Com essa citação, inicio o subcapítulo sobre a importância de ter clareza na escolha dos recursos didáticos. Tal clareza, em meus planejamentos, se expressa pelas justificativas que eram formuladas para os diferentes recursos escolhidos para compor as aulas. Compreendemos no subcapítulo anterior que organizar o espaço e o tempo das atividades, promovendo já uma diferenciação na composição das estratégias, e ter clareza do porquê planejar essa organização é parte da competência docente.

É inegável que os recursos didáticos chamam atenção dos alunos e os fazem ter mais vontade de aprender. É papel do professor saber aproveitar esses recursos e manipulá-los com criatividade para poder facilitar a compreensão dos conteúdos propostos (SOUZA, 2007). Outros autores que afirmam a fundamental importância desses recursos são Castoldi e Polinarski (2009). Eles acreditam que os materiais potentes podem aproximar o aluno do conteúdo e facilitar sua memorização. Para Parra (1985), os recursos didáticos fazem com que elementos simples como sons, imagens, brincadeiras, jogos e materiais lúdicos sejam enaltecidos. As aulas tornam-se mais interessantes e apresentam melhores resultados nas aprendizagens quando um docente utiliza um desses recursos em suas aulas.

Dentre os diversos tipos de recursos didáticos que podem ser utilizados, destaco os que utilizei durante as quinze semanas de estágio obrigatório. Alguns deles foram: música, quadro e giz, livros, bonecos, caixa mágica, ilustrações, brincadeiras, jogos e outros. Ferreira (2007) comenta que devemos, de preferência, considerar a faixa etária em um primeiro momento, pois algumas pesquisas apontam que o que gera efeito nas crianças pode não gerar nos adultos, como os jogos, por exemplo. O autor ainda expõe que, se fizermos um bom planejamento, podemos construir jogos com os próprios alunos, preestabelecendo um momento de maior interação entre os alunos-professor.

Para abordar os recursos didáticos utilizados durante o estágio e as justificativas para a sua escolha, irei, em vários momentos desse subcapítulo, contextualizar o projeto didático realizado com a turma, pois ele se configura como o guia dos planejamentos durante sete semanas.

Minha escolha por abordar esse eixo no TCC foi feita a partir de um critério quantitativo, como informado já na metodologia. De acordo com Bardin (2016), a escolha quantitativa indica que o elemento apareceu com certa frequência. A ideia é mostrar um

pouco dos materiais que utilizei dentro da sala de aula e as razões que me levaram a escolhê-los.

A ideia em iniciar meu projeto (A Cesta Mágica) com esse livro é a questão da imaginação e espontaneidade que a história apresenta, já que ela convida o leitor a ser uma parte da história. Minha ideia é que os alunos possam se interessar em ajudar a narrar a história e, como dito anteriormente, ampliem sua curiosidade e imaginação. (02/04/2018)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 2 – acervo pessoal

Com esse trecho, apresento um dos muitos recursos que utilizei dentro da sala de aula. Desde as primeiras semanas, realizei pequenos projetos nos quais conseguia chamar a atenção dos alunos e estabelecer uma relação com os mesmos, já que eles já tinham uma visão de professora diferente da minha, que era a professora titular, construída desde o final de fevereiro.

Iniciei esse projeto levando um livro de que gosto muito e que propõe para os alunos uma interação muito interessante, pois o livro conversa com o leitor o tempo todo. Anterior à leitura do livro, realizei uma motivação prévia para a qual decorei uma cesta e coloquei dentro fantoches de ratos e ursos, gelatina de morango para degustação, um pacote de presente (dentro havia o livro) e uma carta. Escrevi a carta como se fosse uma pessoa misteriosa que era dona dessa Cesta Mágica e que, a cada semana, entregaria um presente novo para eles. Os alunos ficaram extasiados! Assim que retirei do pacote o livro “O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado” (WOOD, 2012), iniciei a leitura e a realizei exatamente como o livro provoca, incentivando os alunos a interagirem com a história. Para Souza (2007), essa interação é de suma importância, pois o docente procura estimular o aluno a se interessar e pesquisar sobre o tema proposto. De acordo com a autora, os discentes se veem, através dessas ações, como agentes ativos no processo de ensino, trazendo maior possibilidade de aquisição de conhecimento. Escolhi esse livro por se tratar de uma história que promove justamente essa interação que eu necessitava, já que era minha primeira semana como professora e eu estava muito nervosa com a aceitação da turma. Durante as semanas de observação, percebi que os alunos gostavam muito de comentar sobre os textos lidos pela professora titular e eu queria promover um espaço assim, não somente depois da contação, mas durante ela também.

Em um outro momento do estágio, iniciei meu grande Projeto sobre os animais, tema de total interesse dos alunos desde o início das aulas. Procurei por um assunto que desse voz às crianças e que eles pudessem trabalhar com coisas que os interessassem a cada momento.

Kindel (2012) nos mostra que essa relação que as crianças têm com os animais é muito significativa e que abrange um sentido de preocupação e afeto que os pequenos têm com os bichos, sejam eles de grande ou pequeno porte. Tentei levar isso para a sala de aula enquanto estudávamos quatro animais ao longo de um mês e meio. Estudamos as abelhas, os elefantes, as corujas e o lobo guará. Os três primeiros foram escolhidos pelas crianças por votação. O último, Lobo Guará, foi escolhido por mim para que pudéssemos estudar animais do Brasil, já que o lobo é endêmico da América do Sul e estávamos em clima de Copa do Mundo. Os alunos estavam muito interessados em falar sobre o nosso país.

Anterior ao início desse projeto, estudamos sobre aniversários, pois os alunos não tinham dentro da sala de aula um painel de aniversariantes e pediam o tempo todo por um. Aliei o ensino de matemática e decidi construir, através da leitura do livro “Gildo” (RANDO, 2010), um painel de aniversários.

Acredito que as crianças precisam sempre se reconhecer como um sujeito importante na família e na sociedade e, com a entrega do painel de aniversariantes, penso que todos conseguirão sentir-se mais valorizados, até mesmo, na escola. Além disso, conseguiremos trabalhar muito com a matemática através do próprio painel e datas de aniversariantes e, também, questões de medos e coragens. (23/04/2018)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 5 – acervo pessoal

Construí também, um caderno que os alunos levavam para a casa durante dois dias junto com o nosso elefante de tecido e mascote, Gildo. Dessa forma, os pais puderam participar dessa parte de “reconhecimento” das crianças. Então, juntos, escreveram com seus filhos qual a melhor parte de ter o Gildo em sua casa.

Figura 2: Painel de aniversários



Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 5 – acervo pessoal

Figura 3: Mascote Gildo e o caderno de anotações



Fonte: Acervo pessoal

Figura 4: Caderno de anotações com relatos da família



Fonte: Caderno do Gildo – Planejamento semana 5 - acervo pessoal

A justificativa de uso para esses recursos estava pautada no objetivo de desenvolver, com afeto e sensibilidade, formas de reconhecimento pessoal. É possível que muitos outros recursos pudessem ser mobilizados para atender a esse mesmo objetivo, o que nos leva a pensar em quais habilidades docentes são mobilizadas nesses momentos de escolha. Uma hipótese que lançamos está relacionada ao repertório cultural da professora que, quanto mais ampliado for, maiores serão as possibilidades de potenciais recursos didáticos. Além dessa hipótese, é claro, temos também a própria formação inicial e continuada como uma fonte de inspiração e de repertório de recursos didáticos para o professor.

Voltando a falar sobre o Grande Projeto que realizei na turma sobre animais, foram escolhidos três animais pela própria turma, sem nenhuma intervenção ou planejamento. Na sétima semana, decidi levar um alfabeto novo, já que no alfabeto da sala estava faltando algumas letras e, como era feito a mão, algumas estavam apagadas também. Dessa forma, em um final de aula, percebi que alguns alunos estavam votando nos animais que mais gostavam do alfabeto e eu pensei em ampliar isso para toda a turma. Fizemos uma votação no quadro e cada aluno devia informar o por que do seu voto. No fim, a abelha foi a mais votada, a justificativa era pelo fato de terem muitas delas na escola, até mesmo dentro da sala de aula, e os alunos queriam aprender mais sobre o inseto.

Dessa forma, iniciei o projeto com esse animal que as crianças dedicavam tanto do seu tempo com indagações “Por que as abelhas gostam tanto de flores? Por que elas produzem mel? Por que elas picam? É verdade que elas morrem quando picam?”; as perguntas eram tão potentes que eu percebi que não teria como “lidar” aquela curiosidade apenas com uma resposta isolada.

A partir desses momentos, constatei sobre o que seria nosso projeto: ANIMAIS. Nenhum outro projeto cairia tão bem nessa turma quanto esse proposto, pois não foi escolhido por mim, e sim pela turma toda. Os alunos da turma 10 possuem uma característica unânime: CURIOSIDADE! O meu trabalho é, então, levar de forma conceitual, lúdica e significativa as respostas para tantas perguntas.

Fonte: Projeto Didático – acervo pessoal

Para a compreensão sobre a importância das abelhas com relação à natureza, fiz um teatro com as crianças, em que elas seriam as flores e teriam pólen em suas mãos, que, no caso, era farinha de trigo. Expliquei que o pólen é o alimento das abelhas mais velhas e serve como produção para geleia real, dada para alimentar as larvas jovens nas colmeias. Mais tarde, estudamos melhor sobre as classificações das abelhas: rainha e operárias⁴. O teatro “A abelha Bibi”, fez com que as crianças aprendessem de um modo lúdico sobre a importância na natureza.

Após o teatro, as crianças produziram suas próprias abelhas com argila.

Pensei em algo assim para que as crianças consigam manusear materiais potentes de diversas formas, além de trabalhar com a motricidade fina. Será entregue um prato de papelão para as crianças colocarem a abelha em cima. Poderão levar a abelha para a casa. (15/05/2018)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 8 – acervo pessoal

⁴ Essa atividade foi retirada do livro “Práticas pedagógicas em ciências: espaço, tempo e corporeidade” (KINDEL, 2012, p. 59).

Motricidade fina é um objetivo a ser trabalhado durante a educação infantil e início dos anos iniciais e realizei essa atividade (e outras) para atingir a mesma finalidade que tinha com o recorte, já mencionado anteriormente nesse trabalho. Dessa forma, podemos perceber que um mesmo objetivo pode ser vinculado ao uso de variados recursos didáticos.

O filme “Bee Movie”, do diretor Steve Hickner (2007), que também foi outro material empregado no Projeto. O desenho animado conta a história de uma abelha recém-formada que percebe o quanto os humanos utilizam o mel produzido pelas abelhas e luta para que isso termine. O filme mostra que o mel é produzido para saciar as abelhas e não os humanos, e a importância dos insetos para a natureza. Diante disso, a justificativa para a utilização do filme como recurso para poder construir outro conhecimento sobre as abelhas, a produção de mel, está embasada na busca por uma forma mais lúdica na qual as crianças pudessem ter uma primeira ideia do porquê de as abelhas produzirem mel e como. Mais tarde, ao trabalhar como o mel é produzido na vida real, foi possível relacionar com as ideias que os alunos já haviam conseguido perceber durante o filme.

Assistiremos o filme “Bee Movie” [...] pois, acho o filme interessante por contar, de uma forma lúdica, que o mel não é produzido para os humanos e sim para as abelhas. Mostra, também, como a natureza ficaria sem as abelhas. Mais tarde conversaremos sobre a extinção das abelhas. (16/05/2018)
--

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 8 – acervo pessoal

A partir disso, lemos mais informações sobre a extinção das abelhas, degustamos o mel, observamos as diferenças entre as classes (rainha e operária), tanto física quanto a função de cada uma dentro de uma colmeia, e fizemos essa comparação através de uma pesquisa no Google imagens e, após, desenhamos as duas classes no Paint. Essas propostas visavam estimular cada vez mais a criatividade das crianças. Para isso, utilizei inúmeros recursos, alguns já destacados aqui: filme, argila, textos informativos, mel, computadores, desenhos, fotos, vídeos e farinha de trigo, para representar o pólen.

Essa quantidade variada de recursos tornou possível a compreensão dos conteúdos propostos, pois os alunos passaram a prestar mais atenção nas aulas e adquiriram o que Souza (2007) chama de “cultura investigativa”. Essa cultura foi estudada por alguns professores da Universidade Francisco de Paula Santander, na Colômbia, em 2013, e refere-se à capacidade de fortalecer valores como trabalho em equipe, avaliação crítica, debates e trocas de ideias. Dessa forma, os recursos auxiliam o docente a abordar conteúdos indispensáveis do currículo de uma forma mais interativa, possibilitando toda essa cultura investigativa desde a infância.

A busca e a escolha de recursos, claramente colaboraram para que eu me tornasse professora. A cada semana que se passava do estágio, ia aprendendo a equilibrar e a definir os recursos corretos, que me trariam mais segurança para abordar os conteúdos. Percebi, com isso, que chamar a atenção dos alunos fazendo com que tenham mais vontade de aprender é um método que todo professor deve dispor. Desse modo, saber a hora e a maneira correta de apresentar os recursos faz com que tenhamos um diferencial, pois é com esse tipo de processo que nos constituímos como docentes.

A coruja foi o segundo animal mais votado; dessa forma, quis levar curiosidades sobre esse animal para as crianças. Para iniciar nossos estudos sobre a ave, fiz, como motivação prévia, um jogo da forca no quadro em que elas deveriam acertar qual animal seria o próximo a ser estudado, como uma motivação prévia.

Assim que adivinharem o animal, que será uma coruja, irei tirar de dentro de um saco uma coruja de crochê (*tentarei ter todos os animais em bichinhos de pelúcia ou EVA, para no final do projeto, lembrarmos sobre todos*). Além da coruja, irei retirar uma imagem do céu de dia e outra da noite. (25/05/2018)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 10 – acervo pessoal

A decisão por utilizar um recurso concreto para cada animal estudado, está justificada como um auxílio para retomada dos conhecimentos adquiridos ao longo dos estudos do projeto. Apesar de não constar no excerto acima, a utilização de recursos desse tipo remete a um dos princípios que orientou minha prática docente: a ludicidade.

Resolvi, também, separar a turma em alguns grupos e entregar cartolina, para que fizessem desenhos e algumas escritas sobre o que já conheciam sobre as corujas e o que entendiam sobre o que eu havia retirado de dentro do saco, qual era a ligação entre as imagens e as corujas. A grande maioria conhecia já o hábito das corujas dormirem de dia e ficarem acordadas pela noite, mas tiveram que reproduzir isso na escrita e apresentar para os colegas. Dessa forma, já trabalhamos oralidade também.

Durante a pesquisa, as crianças observaram o céu pelo dia e pela noite e, mais tarde, conversamos sobre as diferenças que ocorrem no céu. Diante disso, conseguimos trabalhar quantas horas tem um dia, quantos dias uma semana, um ano e, também, as fases da lua. Com isso, introduzi o calendário de uma forma mais diversificada, lúdica e efetiva.

Entregarei para os alunos uma folha de ofício em branco para desenharem o céu de dia. Darei, também, pedaços de papéis laminados amarelo para fazerem o sol. A ideia é que consigam trabalhar com materiais potentes diferentes. Entregarei outros tipos de papéis para recortarem e

criarem. Para desenhar o céu noturno, entregarei lixa preta e giz de quadro molhado. Deverão pintar as estrelas, a lua, ou como enxergaram o céu em casa. (29/05/2018)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 10 – acervo pessoal

Podemos perceber, a partir desse trecho, a quantidade de recursos que são utilizados em uma mesma atividade. Mesmo sendo apenas diferentes tipos de papéis, eles chamam a atenção das crianças e fazem com que elas se sintam com mais vontade de estudar sobre o assunto. Para Souza (2007), os recursos servem exatamente para isso, oportunizar um aprendizado mais efetivo e marcante.

Durante a pesquisa, também conversamos e analisamos as diversas espécies de corujas existentes. Entre elas a mais conhecida por todos é a Buraqueira, que encontramos facilmente na praia e que, coincidentemente, é a única espécie que dorme de noite e caça pela manhã. Refletimos sobre várias curiosidades que assistimos em vídeos sobre a ave, como o modo como giram a cabeça, como caçam, do que se alimentam, sobre como enxergam... Assuntos que pensava serem pertinentes para o estudo.

O terceiro animal, para a alegria das crianças, foi o elefante. Eles já tinham uma conexão muito grande com o mamífero por conta do livro “Gildo” (RANDO, 2010). As crianças puderam conhecer mais sobre as características físicas do animal, sobre seu habitat natural e problematizar questões como a extinção dos elefantes.

Iniciamos com um livro chamado “Elmer, o elefante xadrez” (MCKEE, 2009) e minha justificativa para utilizá-lo foi a necessidade de trabalhar um conteúdo que precisava ser abordado no primeiro semestre, de acordo com o currículo da escola: as cores. Procurei por um livro que não saísse da temática do Projeto e que também fosse promover essa interpelação.

Após conversarmos sobre as curiosidades dos elefantes, lerei um livro para as crianças “Elmer – o elefante xadrez”. Tenho ele em PDF, achei um bom livro porque fala sobre as diferenças e as cores, assunto que precisa ser estudado no primeiro trimestre. (05/06/2018)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 11 – acervo pessoal

Para dar conclusão ao nosso Projeto didático, decidi trabalhar um animal que as crianças não haviam votado, mas que foi escolhido por ser endêmico da América do Sul. Como informado anteriormente, estávamos em clima de Copa do Mundo e os alunos estavam muito interessados em curiosidades sobre o Brasil. Portanto, escolhi o Lobo Guará. Começamos lendo um livro muito interessante que conta inúmeras curiosidades sobre o Lobo, “Ruivão – o

lobo bom com cara de mau” (ZANNETI, 2008). E é claro, levei um Lobo Guará de pelúcia para as crianças perceberem as diferenças físicas entre ele e outros lobos mais conhecidos.

Contarei uma história chamada “Ruivão, o lobo bom com cara de lobo mau”. *Penso que essa história é interessante por se fixar em contar curiosidades específicas sobre o animal. Conta do que se alimenta, como cuida dos filhotes, onde vive, entre outras curiosidades importantes.* (18/06/2018)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 13 – acervo pessoal

Desse modo, minha justificativa para a escolha do Lobo Guará de pelúcia foi – além de estabelecer que confeccionaria os animais do projeto para que ao final pudéssemos lembrar de todos, como já informado neste trabalho – encontrar um modo mais fácil de as crianças descobrirem de qual animal eu estava dando dicas.

Para os alunos descobrirem e conhecerem mais sobre o novo animal estudado, levarei dicas em algumas fichinhas e os alunos deverão tentar adivinhar quem é. Nas dicas haverá algumas curiosidades sobre o animal e algumas dicas mais “acessíveis” para as crianças, como por exemplo: “Nas histórias infantis, sou considerado mau” e “Tenho a pele cor de laranja. Moro aqui no Brasil.” Assim que as crianças descobrirem e, se não descobrirem por ser mais difícil e menos conhecido que os outros estudados, direi o nome e mostrarei o bichinho de pelúcia. (18/06/2018)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 13 – acervo pessoal

Então, para concretizar a ideia de estudarmos o lobo Guará, busquei por um livro que fosse me auxiliar a contar inúmeras curiosidades específicas do animal. Além da leitura, assistimos vídeos sobre curiosidades e aprendemos mais sobre a forma de viver desse animal tão peculiar. Existe um site com um Projeto “Sou amigo do Lobo”, onde conseguimos acesso a inúmeros materiais sobre o Lobo Guará, então os alunos, na visita à informática, analisaram o site e viram a grande ameaça que esse animal está sofrendo.

Como docente, sabendo a importância de se trabalhar a questão da independência, deixei com que os próprios alunos escolhessem as notícias para lerem, os vídeos e imagens. Dessa forma, garanti que, com autonomia, todos manipulassem o site. Em sala, após a informática, conversamos sobre o que cada um havia se interessado mais.

A ideia é que os alunos possam visualizar o site e ver todas as informações que o mesmo oferece, explorando fotos e notícias. Explicarei para eles sobre o site, o que ele significa.

Lerei as informações sobre como funciona o Projeto, somos amigos do Lobo Guará. Mais tarde, em sala, conversaremos sobre o que observamos no site e entregarei para os alunos o logo do Projeto do Lobo e deverão colar nos cadernos. (21/06/2018)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 13 – acervo pessoal

Percebemos, com essas informações, o quanto os recursos didáticos me auxiliaram para tornar a sala de aula em um espaço com mais ludicidade, comunicação, pesquisa e afeto. A cada dia tentava incluir algum material que tornasse o ensino mais cativante e motivador. Segundo Souza (2007), o uso desses materiais sempre deve ser acompanhado de uma boa intenção pedagógica, caso contrário não conseguimos alcançar o objetivo proposto. “[...] o professor bem formado, sabe que a manipulação de materiais deve ter ligação com situações significativas para o aluno” (SOUZA, 2007, 113). Por esse motivo que a contextualização do projeto didático realizado na turma se faz tão importante ao abordar os recursos utilizados, pois eles se tornam mais significativos para os alunos – e para a professora – na medida em que têm ligação com as temáticas que estão sendo estudadas na turma. A autora expõe, também, que o professor deve sempre dominar o conteúdo e buscar utilizar o recurso para complementar o ensino e buscar maiores aprendizagens.

Figura 5: Bichos produzidos para o Projeto



Fonte: acervo pessoal

4.3 ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS

“[...] os alunos devem ser incentivados a falar, suas iniciativas devem ser sustentadas e suas dificuldades acompanhadas de perto. Promover esse clima é a função das estratégias didáticas” (VILLANI; FREITAS, 2001, p.5).

Início o último subcapítulo dos eixos de análise expondo a importância das estratégias didáticas para uma aula mais dinâmica e repleta de aprendizagens significativas. Estratégias didáticas, segundo Villani e Freitas (2009), são um conjunto de atitudes planejadas pelo professor para estimular os discentes a realizarem atividades da melhor maneira possível.

Na citação inicial podemos perceber que os autores se atentam para indicar as finalidades das estratégias didáticas. Os docentes devem procurar um modo de incentivar os alunos a falar, ter iniciativas e, até mesmo, enfrentar suas dificuldades. Os planejamentos devem ser guiados para suprir essas e outras necessidades dos alunos, levando em consideração o que o estudante já conhece e proporcionando momentos de desafios para as crianças.

As estratégias destinam-se a atingir objetivos, portanto, é importante o docente ter clareza sobre a real finalidade da atividade para o processo de ensino e aprendizagem. Por isso a importância de deixar claro no planejamento qual o objetivo a ser alcançado, para que os sujeitos envolvidos – professor e alunos – não se percam durante esse processo. Diante de tantos outros interesses durante uma aula (necessidade em apontar o lápis, brincar com a borracha, olhar pela janela e etc...) o professor precisa ser um verdadeiro estrategista e saber selecionar, organizar e propor melhores propostas para chamar a atenção de seus alunos.

Estratégias didáticas congregam as duas unidades analíticas que já foram mostradas nos outros subcapítulos, pois é através delas que selecionamos uma melhor organização do ambiente, da turma, a escolha de um recurso, entre outros. A importância é saber definir o porquê dessa e não de outra escolha, e expor isso no planejamento para que fique mais fácil a compreensão do objetivo final.

Os alunos receberão uma folha estruturada onde deverão pintar o personagem cujo nome tem a maior quantidade de sílabas. Após, deverão escrever os nomes abaixo. Pretendo, com essa atividade, avaliar como estão os alunos em nível pré-silábico da turma. (28/05/2018)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 10 – acervo pessoal

Percebemos melhor essa importância observando o trecho acima no qual entrego um recurso para os alunos – folha estruturada – e, diante disso, deixo um objetivo explícito no meu planejamento. Dessa forma, chegarei numa avaliação de forma mais rápida e clara, pois essa é uma parte integrante do processo de aprendizagem. Segundo Luckesi, citado por Libâneo (1991, p. 196), avaliação permite que o professor aprecie qualitativamente dados que o auxiliem a sentenciar o ensino e a aprendizagem.

Como já informado no capítulo da metodologia, esse eixo foi escolhido quantitativamente e foi um dos eixos que mais obteve recortes no material empírico. Estratégias didáticas são descritas a todo momento nos nossos planejamentos quando pensamos em uma atividade, pois elas são a organização dos objetivos que propiciamos aos alunos (SANTANNA; MENEGOLLA, 1991). Inclusive, inúmeros autores expõem a dificuldade em separar a estratégia e o conteúdo, pois muitas vezes acabamos confundindo um e outro. Sempre que pensamos na finalidade do conteúdo é uma estratégia.

A ideia é que os alunos se acostumem a fazer contagens calmamente, pois, quando fazem sozinhos contam rápido e se perdem, ou passam da quantidade correta. *Portanto, faremos a contagem juntos e os alunos deverão ir me informando com quais dígitos escrevemos o número.* (11/04/2018)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 4 – acervo pessoal

No excerto acima apresento uma situação em que conseguimos observar bem essa ideia de separação. O conteúdo é quantificação, já que os alunos precisarão fazer uma contagem, já a estratégia que eu uso é transformar a atividade em algo coletivo, em que todos os alunos se auxiliem e respondam juntos. Os alunos se perdiam muito na hora de quantificar, pois ficavam agitados. Desse modo, era mais difícil introduzir números que não fossem até dez, pois ainda que eles reconhecessem os números, na hora da escrita não lembravam qual algarismo iria primeiro. Saliento que a finalidade dessa estratégia não é que os alunos quantifiquem e me respondam cada um em sua folha estruturada, mas sim, que eles possam juntos se auxiliar, conversando e chegando em uma estratégia para a escrita do número.

Como sei que as crianças gostam muito de jogar BINGO, levarei novamente o bingo do nome próprio para brincarmos. Sei que na quinta eles ficam mais agitados e cansados por causa da pracinha. Por esse motivo, penso em levar algo que eles já conhecem e gostam. (19/04/2018)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 3 – acervo pessoal

Nesse outro excerto recortado do meu Diário de Classe, uso uma estratégia didática para conseguir manter a classe mais organizada. Por esse motivo utilizo um recurso que as crianças

gostam muito, o jogo do Bingo. Como as crianças já conhecem o material não ficam agitadas e conseguem esperar a hora da saída mais tranquilos. Como já informado, as estratégias são todos os processos que utilizamos para que as crianças consigam ter um bom aprendizado. Dessa forma quando utilizamos um recurso, estamos planejando estrategicamente uma forma de provocar esse conhecimento.

Como será dia de biblioteca, novamente levarei os alunos para a sala de informática. Um dos alunos na semana anterior comentou que havia desenhado no computador do irmão e todas as crianças perguntaram se um dia poderiam desenhar também. *Dessa maneira achei significativo tentar fazer uma atividade assim, até para trabalhar com motricidade fina e imaginação.* (24/05/2018)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 9 – acervo pessoal

No trecho evidencio o que havia pontuado acima. Utilizo um recurso didático – computador – para poder trabalhar algo que penso ser significativo para as crianças, a motricidade fina e a imaginação. Estamos em momento em que os alunos não utilizam mais Mouse por conta do Touche, e nem sabem como fazê-lo. Essa estratégia foi bem interessante, pois a ideia era que os alunos pudessem desenhar no computador as diferentes classes das abelhas: rainha e operária. Foi uma dificuldade para a grande maioria, mas souberam usar o recurso oferecido após algumas demonstrações e intervenções.

De acordo com Camini e Piccoli (2014), intervenções também são o que elas denominam de patrimônio pedagógico imaterial da alfabetização. Dessa forma, além de utilizarmos bons recursos, precisamos ter boas intervenções já pensadas que possibilitem os alunos avançarem. As autoras ainda explicam que não é apenas o material que determina o potencial de uma proposta e sim, todo o conjunto de estratégias didáticas que o docente utiliza.

Na diferenciação, *trabalharei com as crianças que mais tem dificuldades.* A., M., P. e J. tem dificuldades em reconhecer as letras do alfabeto, escrita de nome e cópias. *Por esse motivo, farei um trabalho mais individual, onde eu possa realizar intervenções mais focadas.* “Que letra é essa? Essa letra tem no teu nome? Quais outras palavras iniciam com essa mesma letra?” (07/05/2018)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 7 – acervo pessoal

Conseguimos notar, através desse recorte, o quão importante eram as intervenções realizadas por mim como estratégias didáticas direcionadas aos alunos com mais dificuldades de aprendizagem. Desses quatro alunos, apenas um não conseguiu avançar no Sistema de Escrita Alfabética (SEA), isso porque a criança faltava muito nas aulas, portanto não conseguia desenvolver um trabalho mais sistemático com a aluna. Somente com um bom

planejamento, recursos qualificados e intervenções bem desenvolvidas atingimos um avanço significativo.

Outras estratégias consideráveis me auxiliaram na hora de proporcionar um ensino-aprendizagem mais eficaz para esses alunos, como o Jogo da janelinha, Jogo do Bingo, sistematizações, exploração diária do painel com os nomes dos alunos (chamada), entre outras. O foco, no caso desses quatro discentes era o nome próprio, para que depois eu conseguisse sistematizar outros conteúdos.

Silva (2017) leva em consideração que um dos grandes fracassos da etapa de alfabetização no Brasil é justificado pela falta de reflexão que deveria ser realizada pelos professores sobre a prática pedagógica, já que os mesmos utilizam métodos iguais todos os anos, sem nunca modificar. Diante disso, a autora nos explica como um mesmo objetivo pode ser proposto por diversas maneiras diferentes, assim como listei acima sobre o foco desses alunos. “[...] seja por meio de jogos, brincadeiras, explorações orais coletivas ou mais individuais e atividades de sistematização” (SILVA, 2017 p. 53). Essa última, a pedagoga considera uma das mais importantes para conseguirmos realizar a reflexão que designa um grande auxílio nessa etapa.

Outro apontamento que a autora traz é a respeito dos jogos didáticos. Silva (2017) faz uma reflexão acerca da importância dos mesmos para potencializar a alfabetização. Segundo as autoras Leal, Albuquerque e Leite (2015) – citadas por Silva (2007) – os jogos auxiliam o aluno a entender e assentar a lógica da escrita, além de permitir atividades em grupos e ensinar a lidar com regras. “Através dos jogos [...] conduzimos bons momentos para que os alunos aprendam brincando (ou, se quisermos pensar desse modo, brinquem aprendendo).” (SILVA, 2017, p. 53, apud LEAL; ALBUQUERQUE; LEITE, 2015 p. 129-130).

É importante destacar que essa atividade provoca a imaginação, coloca à prova o conhecimento do vocabulário e seu manejo com as letras, pois deverão pensar numa letra que ainda não tenha sido falada. (23/04/2018)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 5 – acervo pessoal

O jogo mencionado acima é o famoso Jogo da força. Exatamente como explicado no trecho retirado do Diário de classe, esse jogo tem como objetivo destacar o conhecimento do vocabulário e as crianças deverão manipular as letras para conseguir formar uma palavra. Percebam todo o movimento que a criança precisa desempenhar para jogar um jogo tão “simples” e conhecido como esse. Inúmeras vezes pensamos que é dispensável e acabamos

por não utilizarmos dentro de sala de aula. Por conta de toda sua proposta, o jogo foi escolhido e utilizado por ser potente do ponto de vista da análise linguística.

Ainda sobre essa perspectiva, a estratégia didática focalizada aqui é conseguir aliar o jogo à sistematização. Isso ocorre para que nós, docentes, consigamos avaliar o que a criança entendeu do jogo. Essa sistematização orienta o professor de forma que possa planejar as atividades de acordo com as necessidades e dificuldades dos alunos. Tal procedimento favorece o avanço de cada discente no ano letivo.

Leal, Albuquerque e Leite (2015) problematizam exatamente a necessidade de não restringir a aula apenas aos jogos, pois eles proporcionam uma reflexão linguística, como no jogo da forca, porém não possibilitam a sistematização. Piccoli (2013) cita o quão importante a sistematização é, porque é nela que o professor desempenha papéis fundamentais, além de conseguir mediar situações e criar situações extrajogos para a criança metodizar o que aprendeu enquanto jogava.

Figura 6: Sistematização Jogo da Batalha de palavras



Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 9 – acervo pessoal

Essa atividade foi realizada por mim como sistematização do jogo Batalha de Palavras. Esse jogo tem como finalidade o aluno perceber qual palavra tem uma quantidade maior de sílabas. Para realizar o jogo, dividi a turma em dois grupos, A e B. Chamava dois alunos de cada vez, um de cada grupo. Os dois iriam até a mesa na frente do quadro onde estavam dispostas cartas com as imagens do livro “Bruxa, Bruxa venha à minha festa” (DRUCE, 2007), retiravam uma das cartas e olhavam as imagens. Ganhava a batalha quem retirava a

imagem com mais números de sílabas. Além do jogo, utilizei inúmeras intervenções, como por exemplo: “Pirata x bruxa – quem será que ganha a batalha? A palavra pirata tem quantas sílabas? E bruxa? Como podemos saber quantas sílabas tem cada palavra?”. Após o fim do jogo, utilizei algumas imagens que havia nele e que as palavras já tinham sido trabalhadas anteriormente pelos alunos. Novamente eles precisaram buscar auxílio no jogo e em alguns conhecimentos prévios já estabelecidos.

Concluindo esse capítulo, destaco a importância de cada uma das três justificativas apresentadas neste trabalho. Para se fazer um docente completo e competente, o professor deve compreender a necessidade de sempre ter no seu planejamento a) uma organização (do espaço, tempo, turma e materiais); b) recursos disponíveis e potentes; c) estratégias didáticas que viabilizem o ensino-aprendizagem.

Vale destacar que o conjunto de todas essas justificativas desenvolve um contexto propício para a aprendizagem, assim como já destacado por inúmeros autores, alguns deles inclusive apresentados aqui. Os recursos, organização e estratégias, fazem com que os alunos pensem, se expressem e tenham vontade de aprender. Destaco ainda que possamos refletir o quanto esses três eixos se desenvolvem de forma dinâmica e articulada, tudo para que o processo de alfabetização se torne mais fluido, prazeroso e com muito aprendizado, tanto para os discentes quanto para o docente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei esta pesquisa com o objetivo de analisar a importância das justificativas didático-metodológicas como auxílio para planejar as aulas para crianças. Para tanto, realizei uma análise documental, sendo o principal documento de análise o meu Diário de Classe produzido durante o estágio docente.

Chegando ao final do trabalho retomo minhas questões norteadoras iniciais: a) “Como essa escrita constitui o trabalho pedagógico e o trabalho do docente em formação?”; e b) “Por que explicar essas escolhas em um planejamento de autoria própria?” e pontuarei as discussões que foram me auxiliando a respondê-las.

Durante a realização da pesquisa, os referenciais teóricos e o material empírico foram me auxiliando para conceituar as temáticas trabalho docente e planejamento. Baseando-se em três grupos de justificativas que foram escolhidos com critérios quantitativos e qualitativos: citar as três aqui.

No primeiro eixo analítico, Organizações do trabalho pedagógico, recursos didáticos e estratégias didáticas, evidenciei a importância de um planejamento bem estruturado para a formação docente. O ser docente tem se constituído levando em consideração principalmente a interação humana. Dentro das salas de aula, o professor deve se organizar para construir um ambiente de coletividade e trocas, numa prática dependente da relação com o outro. Assim, todos os sujeitos que se envolvem na educação escolar se tornam protagonistas, pois “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 2015, p. 25).

É dessa forma, pensando nas relações de trocas, que retomo a primeira questão norteadora: “Como essa escrita constitui o trabalho pedagógico e o trabalho docente em formação?”. Se não fosse a escrita dos meus planejamentos semanais, afirmo com toda certeza que meu trabalho em sala de aula não teria a mesma qualidade e nem seria de grande desafio para meus alunos.

Os planejamentos promovem aulas de uma forma mais coerente e integrada, pois obtive a habilidade de delinear e organizar atividades conforme as necessidades das crianças. Tal ação permite que aprendamos técnicas que buscam nos transformar em docentes competentes, que utilizam recursos criativos, agem através da intuição e improvisação (com muita cautela e sabedoria), buscando atingir nossos objetivos de forma precisa.

Como consequência da falta de prática dessas ações, as aulas ficam incompletas e sem um eixo linear de construção. Os autores Scarinci e Pacca (2015) criticam principalmente a

ausência dessa escrita, pois julgam como necessário haver orientações para as ações docentes no diálogo com seus alunos, a falta disso comprometeria o aprendizado da criança.

Além da escrita dos planejamentos é importante que façamos uma reflexão sobre como anda nossa prática docente. Schön (2000) nos mostra o quanto essa análise é essencial para que consigamos enfrentar problemas dentro da sala de aula, pois não encontramos respostas para tudo em livros e sim refletindo em possibilidades positivas para melhorá-los. Essas duas escritas – reflexão e planejamento – (entre outras) tem uma porcentagem significativa na constituição docente, pois, através da reflexão sobre a prática, consegue-se qualificar os métodos para ensinar.

Ponderando sobre a segunda questão norteadora, ela se torna fundamental visto que os planejamentos têm como princípio organizar a nossa própria aula. Desse modo, informar a justificativa das escolhas propõe fazer com que não esqueçamos dos objetivos reais de cada organização, recursos, estratégias didáticas, avaliação, diferenciação, entre outras. Nossa escrita deve sempre nos dar um norte, possibilitando um maior aproveitamento das aulas e nos guiando para uma qualificação. É através da escrita dos planejamentos, objetivando com clareza cada escolha, que veremos qual aluno atingiu a finalidade da estratégia, qual não conseguiu, porque não alcançou e qual a melhor forma de auxiliá-lo. Pois esse hábito de escrever nos levará a reflexão e, desse modo, obteremos um trabalho docente qualificado. É por meio da unificação do planejamento e do trabalho docente, como já citado nesse trabalho, que nos constituímos um profissional que busca a qualidade necessária para guiar uma aula com toda a potencialidade ela permite.

Este trabalho teve como finalidade analisar três justificativas importantes que apareceram tanto quantitativamente quanto qualitativamente no meu Diário de classe. Esses três fundamentos garantiram um trabalho mais completo, dinâmico e organizado. Porém, mais justificativas foram complementando minha identidade profissional, todas participaram de algum modo dessa construção docente. Dito isso, será enfatizado um aspecto que entendo relevante como consideração final desse trabalho: as justificativas para as escolhas didático-metodológicas docentes apareceram, em grande medida, de forma articulada no planejamento analisado, como pode ser lido no excerto abaixo:

A turma possui dificuldade em brincar junta, é muito forte a questão do “o que é de menina, o que é de menino”, mesmo a professora titular problematizando isso. Nas entrevistas individuais, umas das grandes respostas que os meninos deram na pergunta sobre o que menos gostavam na escola, foi brincar com meninas. “Elas não sabem jogar futebol!” ou “Não gosto de meninas porque não gosto de brincar com elas.”. Minha ideia é, a partir desse livro, conseguir unir mais a turma, mostrando

para os alunos que não existe cor de menina, cor de menino e que todos podem e devem trabalhar juntos. Modificarei a fila também, que é uma para menino e uma para menina. Cada dia formarei a fila de um jeito. “Hoje, o primeiro da fila é quem o nome começa com a letra A. Quantas crianças têm nomes que iniciam com essa letra? Muito bem, 4 crianças. A primeira da fila começa com a letra A e tem R também. Qual dos 4 tem R no nome? Muito bem, o Arthur. Pode ir Arthur, hoje tu serás o primeiro da fila.” Em outros dias, penso em fazer brincadeiras e, até mesmo, sorteios. Os meninos costumam reclamar muito, que as meninas são as primeiras a formar a fila sempre, a entrar e sair da sala. (09/04/2018)

Fonte: Diário de classe – Planejamento semana 3 – acervo pessoal

Percebemos que nesse trecho aparecem inúmeras justificativas para cada escolha metodológica realizada. O movimento se inicia com uma avaliação da situação da turma não gostar de brincar juntos, pois acreditavam que meninos e meninas deveriam ficar separados. Numa segunda situação, foi escolhido um recurso que possibilita uma discussão a respeito do que a professora estagiária avaliou, que foi o livro “Pedro e Tina – uma amizade muito especial” (KING, 2017), pois a história trata de uma amizade entre um menino e uma menina. Após, foi modificada a organização da turma, isso para que a docente conseguisse dar conta da questão avaliada. Por último, houve o aproveitamento da situação para trabalhar questões linguísticas de alfabetização. No trecho, foi utilizado as seguintes justificativas: avaliação, recurso, organização da turma e estratégias (já que tem como finalidade unir mais a turma e, desse modo, as duplas foram escolhidas previamente, utilizando uma estratégia de meninos sentarem com meninas), organização da sala (modificação de classes para o trabalho ser realizado), e por fim, justificação da escolha de conteúdo para ser trabalhado as questões de linguísticas.

Esse trecho ilustra que o detalhamento das justificativas no planejamento auxilia a professora durante as aulas, servindo como fonte de consulta para esclarecimento de dúvidas ou inseguranças que possam surgir no momento de condução das atividades frente à turma de alunos.

Embora seja um grande investimento da professora, realizar essa escrita semanalmente nos auxilia na constituição docente, pois refletir sobre o que faremos e sobre o que fizemos uma aula nos faz perceber muitas coisas que não ficam tão claras na sala de aula. Escrever faz com que tenhamos aulas mais objetivas, claras, lúdicas e qualificadas, além, é claro, de contribuir como elemento formativo na constituição de um docente.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. – São Paulo: Edições 70, 2016.

BARREIRA, Sônia. **O trabalho em duplas: Abordagem metodológica e estratégia educacional**. Escola da Vila. 2016. Disponível em: <<http://www.escoladavila.com.br/blog/?p=12699>> Acesso em: 18 nov. 2018.

Bee Movie: a história de uma abelha. Direção: Simon J. Smith, Steve Hickner. Califórnia: 2007. 105 min.

BRANDÃO, Ana Carolina P.; ROSA, Ester C. de S. A leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende. In: PAIVA, A.; MACIEL, F. COSSON, R. (Orgs.) **Coleção explorando o ensino – Literatura / Ensino Fundamental**. 2010. MEC/SEB, vol. 20, p. 69-106.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. A oralidade, a leitura e a escrita no Ciclo de Alfabetização. Caderno 5. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2015.

CASTOLDI, R.; POLINARSKI, C. A. A utilização de recursos didático-pedagógicos na motivação da aprendizagem. **I Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia**. Paraná: 2009, p. 684-692. Disponível em: <<https://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/09/recursos-didatico-pedag%C3%B3gicos.pdf>> Acesso em: 18 nov. 2018.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSTA, Ana Francisca Azevedo. **O desenvolvimento da motricidade fina: um estudo de intervenção com crianças em idade pré-escolar**. Portugal: Instituto Politécnico de Viana do

Castelo, 2013, 98 p. Curso de Mestrado em educação pré-escolar, Instituto Politécnico de Viana do Castelo, 2013. Disponível em: <
http://repositorio.ipv.pt/bitstream/20.500.11960/1392/1/Ana_Costa.pdf> Acesso em: 18 nov. 2018.

COSTA, Marisa Vorraber. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. P. 143-156.

DRUCE, Arden. **Bruxa, Bruxa venha à minha festa**. Editora: Brink Book, 2007, 32p.

FERREIRA, C. A. **A Avaliação no Quotidiano da Sala de Aula**. Porto: Porto Editora, 2007

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996. 144p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GALARDINI, Annalia; GIOVANNINI, Donatella. Pistóia: Elaborando um sistema dinâmico e aberto para atender às necessidades das crianças, das famílias e da comunidade. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella. **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 117-131.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **ERA – Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.35, n.2, p. 57-63, 1995.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 103-133.

KINDEL, Eunice Aita Isaia. Práticas pedagógicas em ciências: espaço, tempo e corporeidade. Erechim: Edelbra, 2012.

KING, Stephen Michael. **Pedro e Tina – Uma amizade muito especial**. Editora: Brink Book, 2017, 32p.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 9. ed., 2004.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. Editora: contexto. 1990.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: Abordagens qualitativas. 2. Ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2017.

MAULINI, Olivier; WANDFLUH, Frédérique. Organizar e planejar o trabalho escolar: Dos modelos teóricos às práticas dos professores. In: THURLER, Monica Gather; MAULINI, Olivier (Orgs.) **A organização do trabalho escolar**: Uma oportunidade para repensar a escola. Porto Alegre: Penso, 2012. P. 92-110.

MCKEE, David. **Elmer, o elefante xadrez**. Editora: Martins Fontes, 2009, 32p. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/lamparina/elmer-o-elefante-xadrez>> Acesso em: 22 nov. 2018.

MENEGOLLA, M; SANT'ANNA, I. M. **Por que planejar? Como planejar?** 15ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

NUNES, Marília Forgearini. **Como lê uma criança que ainda não foi alfabetizada?** Canoas: Textura, n. 16, p. 100-111, jul./dez. 2007.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. T. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PARRA, N. Didática: dos modelos à prática de ensino. Anais do 3º Seminário - **A didática em questão**, v. 1, p. 80-102, 1985.

Perrenoud, Phillippe. **Diferenciação do Ensino**: uma questão de organização do trabalho. Curitiba: Editora Melo, 2011.

PERRENOUD, Philippe. A formação dos professores no século XXI. In: PERRENOUD, Philippe et al. **As competências para ensinar no século XXI: A formação de professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002. P. 11-33

PETITAT, A. **Produção da escola, produção da sociedade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PICCOLI, Luciana . **Reflexão metalinguística e intervenção pedagógica na alfabetização**. SALTO PARA O FUTURO , v. XXIII, p. 37-48, 2013.

PICCOLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. **Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade**. Ilustrações de Eloar Guazzelli. – Erechim: Edelbra, 2012.

RANDO, Silvana. **Gildo**. Editora: Brink Book, 2010, 28p.

SCARINCI, Anne L.; PACCA, Jesuína L. A. O planejamento do ensino em um programa de desenvolvimento profissional docente. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 2, p. 253-279, abr./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v31n2/0102-4698-edur-31-02-00253.pdf>> Acesso em: 18 nov. 2018.

SCHÖN, D.A. **Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000, 256p.

SERÓDIO, Suzana Cristina Fulaneto; STEINLE, Marлизete Cristina Boanafini. **A importância da organização do espaço para atender o aluno do 1º ano do ensino fundamental de nove anos**. Londrina: XVI Semana da Educação, 2016, 16 p. Disponível em: <encurtador.com.br/prxy6> Acesso em: 18 nov. 2018.

SOUZA, Salete Eduardo de. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: **Infância e Práticas Educativas**. Arq Mudi. 2007. p. 110-114. Disponível em: <<http://www.dma.ufv.br/downloads/MAT%20103/2015-II/slides/Rec%20Didaticos%20-%20MAT%20103%20-%202015-II.pdf>> Acesso em: 14 dez. 2018

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 73, p. 209-244, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214>> Acesso em: 18 nov. 2018

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, R.J.: Editora Vozes, 2002.

THURLER, Monica Gather. O desenvolvimento profissional dos professores: Novos paradigmas, novas práticas. In: PERRENOUD, Philippe et al. **As competências para ensinar no século XXI**: A formação de professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002. P. 89-111

VIEIRA, Bárbara Sant'Anna. **Tornar-se professora alfabetizadora**: saberes necessários ao exercício da docência. Porto Alegre: UFRGS, 2017. 50 p. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

VILLANI, Alberto; FREITAS, Denise. **Estrutura disciplinar, estratégias didáticas e estilo docente**: categorias para interpretar a sala de aula. Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/15_estrutura_disciplinar_estrategias_didaticas_e_estilo_docente.pdf> Acesso em: 22 nov. 2018.

WOOD, Audrey. **O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande uso esfomeado**. Editora: Brink Book, 2012, 36p.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZANNETI, Eloi. **Ruivão**: o lobo bom com cara de mau. Editora: Nacional, 2008, 32p.

